

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

**A História Local ensinada nas 3ª séries do ensino fundamental em
Uberlândia:
(re)pensando o material didático**

NILZA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA

Nilza Aparecida da Silva Oliveira

A História Local ensinada nas 3^a séries do ensino fundamental em Uberlândia:
(re)pensando o material didático

Monografia apresentada no Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação das Professoras Mestre Aléxia Pádua Franco e Doutora Christina da Silva Roquette Lopreato.

Uberlândia, Junho de 2004.

OLIVEIRA, Nilza Aparecida da Silva, 1969

A História Local ensinada nas 3ª séries do ensino fundamental em Uberlândia:
(re)pensando o material didático.

Nilza Aparecida da Silva Oliveira – Uberlândia – 2004
fl. 72

Orientadores: Aléxia Pádua Franco e Cristina da Silva Roquette Lopreato

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras chave: ensino de História, história local, material didático

NILZA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA

A História Local ensinada nas 3ª séries do ensino fundamental em
Uberlândia:
(re)pensando o material didático

BANCA EXAMINADORA

Professora Ms. Aléxia Pádua Franco - ESEBA/UFU

Professora Dr^a. Cristina da Silva Roquette Lopreato – INHS/UFU

Professora Ms. Sandra Cristina Fagundes de Lima – FACED/UFU

Uberlândia, 02 de Julho de 2004.

**Aos meus pais que de sua forma sempre me incentivaram e apoiaram.
À minha filha que para mim é a expressão mais bela do amor.
Aos meus irmãos que amo muito.**

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus, pois foi com ele que me fortaleci nos momentos difíceis dessa caminhada.

Depois agradeço à minha filha Janaína que se não fosse por ela, talvez hoje não estaria me formando nessa graduação. Agradeço também ao meu marido que muito cuidou de nossa filha enquanto eu estudava.

Aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar.

Agradeço a amiga Cássia que, ao longo desses anos, sempre me apoiou e me deu forças, a prima querida Ana, que cuidou com carinho de minha mãe que, nesse período, ficou gravemente doente.

Agradeço também às minhas orientadoras. A Aléxia que nesse tempo me “acordou do sono profundo”, quando pensava que sabia escrever História, aprendi com ela esse exercício. A Cristina que para mim é um exemplo de intelectual e ser humano. Enfim, agradeço ambas por contribuírem para o meu crescimento intelectual, pela paciência, compreensão.

Por fim, agradeço ao meu amigo Ronaldo que foi companheiro de estudo durante o curso e a todos os professores e amigos que contribuíram indiretamente nessa trajetória.

Sumário

Introdução-----	8
Capítulo 1 – O Ensino de História na 3ª série das escolas municipais: entre a Proposta e as práticas-----	15
1.1 – A Proposta Curricular de História da Secretaria Municipal de Uberlândia----	15
1.2 – A implementação da Proposta: limites do material didático adotado-----	18
1.3 – Entre a Proposta e a prática: o papel da formação docente-----	30
Capítulo 2 – Produção acadêmica sobre a História local e o Ensino de História local nas 3ª séries do ensino fundamental: encontros e desencontros-----	33
2.1 – Produção historiográfica sobre História local: dificuldades e possibilidades----	33
2.2 – Historiografia local e ensino: encontros e desencontros -----	36
2.3 – Inventário de produções acadêmicas sobre História local-----	39
Considerações finais-----	68
Bibliografia-----	70

RESUMO

O presente trabalho é uma análise sobre a prática de ensino de História local em algumas escolas municipais de Uberlândia, apontando alguns problemas com os materiais didáticos e as dificuldades que impedem a efetivação de um ensino crítico, propondo sugestões para a transformação da prática a partir da reelaboração dos materiais didáticos, tendo em vista as produções acadêmicas sobre a História local que traduzem novas abordagens e interpretações para a História da cidade.

No primeiro capítulo, descrevemos o processo de elaboração e concretização da proposta curricular de História de 1ª a 4ª série do município de Uberlândia, analisando seus pressupostos teórico – metodológicos, e destacando as contradições entre a Proposta e os materiais didáticos adotados em sala de aula. Enquanto a primeira acompanhou as discussões historiográficas e tendências de ensino de História que procuram romper com o positivismo, os últimos permaneceram com a concepção da História oficial. Isto se deve, entre outros problemas, à dificuldade que as professoras têm para ter acesso a outras fontes de pesquisa que não sejam da História oficial – “Guia Sei”, “Correio”, entre outros.

No capítulo 2, analisamos as produções de artigos, monografias, dissertações e teses que tratam História local sob outra perspectiva, diferente da abordagem positivista, observando como não são facilmente acessíveis às professoras do ensino fundamental e por isso não estão incluídos nos materiais didáticos que adotam. A partir daí, pensamos como estes trabalhos acadêmicos poderiam colaborar na transformação das aulas de História nas 3ª séries do ensino fundamental, sugerindo algumas ações que concretizadas facilitarão o trabalho de pesquisa das professoras, e também apresentamos um inventário de produções universitárias sobre História local, objetivando aproximar professoras das séries iniciais e produções universitárias, na perspectiva do “professor – pesquisador” proposto por MACLAREN, GIROUX, MOREIRA.

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa refere-se ao ensino da História Local nas 3^{as} séries do ensino fundamental, nas escolas municipais de Uberlândia. Foi convivendo num ambiente escolar de ensino fundamental e freqüentando as aulas no curso de História que surgiu a idéia de escrever sobre esse tema. Há quatro anos trabalho em escolas municipais como professora das séries iniciais. Sendo assim, pude ter contato com a história ensinada nos primeiros anos de escolaridade, e perceber as contradições entre a História que aprendia no cotidiano da universidade e a História que era repassada para as crianças.

Percebo que no Instituto de História, talvez devido à preocupação do curso ser a de formar professores que atuarão a partir das 5^a séries, não se discute a história ensinada nas séries iniciais. Acredito que isso contribui para que a prática dessa disciplina nas séries iniciais permaneça sem muito avanço frente às novas propostas curriculares, discussões historiográficas, tendências pedagógicas.

Tendo conhecimento dos limites da História local ensinada na 3^a série e também das dificuldades das professoras trabalharem essa disciplina não poderia deixar de escrever sobre esse tema e colaborar para o avanço da educação histórica.

A Proposta Curricular do Município referente às séries iniciais defende um ensino de História que contribua com a “formação do pensamento crítico...”, propondo “abandonar a análise unilateral dos fatos(...)” e a “inclusão de todos os sujeitos e sua participação na construção coletiva dos fatos históricos”.¹

Entretanto, percebi que os materiais didáticos utilizados na prática de ensino das séries iniciais, não conseguem efetivar concretamente os objetivos da proposta curricular. Quero deixar claro aqui que as diferenças entre a proposta e a prática não se referem aos temas e sim à forma de abordagem desses temas.

Nesse sentido, comecei a questionar porque a disciplina História nas séries iniciais, principalmente na 3^a série, reproduz uma história local linear, positivista, ressaltando os “grandes homens” como condutores do desenvolvimento e progresso da cidade, apesar da proposta curricular sugerir uma educação histórica que se contraponha ao discurso da História unilateral.

¹ UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular. 1998, p.21.

Inicialmente, fiz um levantamento dos materiais didáticos utilizados nas escolas municipais Mário Alves Araújo Silva (Luizote de Freitas), Professora Cecy Cardoso Porfírio (Mansour) e Guarda Antônio do Nascimento (Dona Zulmira), com a intenção de verificar se o que ocorria na escola Mário Alves Araújo também acontecia em outras escolas. Constatei que a metodologia, a base teórica e o enfoque para o ensino sobre a história local eram os mesmos. Ao perceber que a abordagem histórica era a mesma nas escolas investigadas, busquei descobrir porque a prática de ensino segue uma abordagem diferente da indicada pela proposta, entrevistando professoras que ministram aulas nessas escolas.

A partir das entrevistas, percebi que diversos fatores impedem que a intenção da proposta curricular para o ensino de História nas séries iniciais se efetive. Um deles está relacionado com a formação das professoras² que atuam nas séries iniciais. Essas profissionais não têm formação histórica específica para lidar com as diferentes concepções e interpretações da História. Em sua grande maioria, elas são formadas em pedagogia e uma outra parte tem apenas o curso secundário do magistério.

Outro problema que dificulta uma abordagem crítica no ensino de História é o distanciamento entre as produções acadêmicas e os profissionais que atuam nas escolas. A partir das entrevistas descobri que muitas professoras desconhecem que há uma ampla e crítica produção monográfica sobre a história de Uberlândia na Universidade Federal de Uberlândia. Assim restringem-se às fontes oficiais para planejar suas aulas.

Além desses dois problemas observados, concernentes à formação docente e ao material didático, que ao meu ver são cruciais para a transformação da prática pedagógica, não posso deixar de citar outros obstáculos, os quais todas as entrevistadas afirmaram que contribuiriam para reforçar o ensino tradicional de História: as péssimas condições de trabalho e a baixa remuneração das professoras que atuam nas séries iniciais. Para complementar a renda mensal, a maioria das professoras dobra turno ou faz “bicos”, não dispondo de tempo para desenvolver pesquisas. Por outro lado, enfrentam salas de aula superlotadas, com uma escassa opção de recursos didáticos necessários a uma boa qualidade de ensino.

²Utilizarei a forma feminina toda vez que me referir aos professores das séries iniciais, uma vez que a maioria desses profissionais é constituída por mulheres.

Diante dos problemas acima, defini, inicialmente, como objetivo principal da pesquisa, construir um material didático que pudesse auxiliar as professoras, apresentando uma nova interpretação sobre a história de Uberlândia, na qual os sujeitos “comuns” - trabalhadores, escravos, índios, etc – fossem incluídos no processo histórico. Entretanto, no decorrer da pesquisa, a realização de algumas leituras sobre a formação e atuação docente me levaram a repensar o objetivo proposto.

Pesquisadores da educação como MOREIRA,³ GIROUX e MCLAREN⁴, defendem uma política de formação docente que integre pesquisa e ensino, numa perspectiva emancipadora do professor no que se refere à elaboração de currículos, escolha de conteúdos, criatividade e autonomia na opção didático - metodológica.

A própria Proposta Curricular do Município, ao afirmar que “não há espaço para passividade, descompromisso ou neutralidade no ensino de História...”⁵, propõe uma forma de ensino emancipadora, tanto para aluno como para professores, no sentido de capacitar ambos a serem sujeitos do seu conhecimento e analisarem e reelaborarem práticas culturais e sociais, visando à construção de uma sociedade mais humanizada e solidária.

Essas reflexões me fizeram reconsiderar o objetivo proposto na pesquisa – elaboração de material didático sobre história local – pois, estou de acordo que o professor deve integrar em sua prática pedagógica a pesquisa e, assim, ter condições para ele mesmo produzir e escolher seu material didático.

Nesse sentido, o presente trabalho abordará uma das questões que dificulta o ensino crítico da História local, que é a falta de acesso às fontes não-oficiais, apontando para as professoras que há outras possibilidades para o ensino de História Local, além da História Oficial e apresentando um inventário de artigos, monografias, dissertações, teses sobre Uberlândia, que podem ser usadas para elaboração de textos didáticos no planejamento das aulas.

Outro fator que me levou a alterar o objetivo do trabalho no decorrer da pesquisa, está ligado às concepções de verdade, sujeito, tempo e fonte na História. O material

³ MOREIRA, Antonio Flávio. O Currículo como política cultural e a formação docente. In: SILVA, Tomaz Tadeu da e MOREIRA, Antonio Flávio (Org.). Territórios Contestados. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. pp.7-20.

⁴GIROUX, Henry A. e MCLAREM, Peter. Formação do Professor como uma Contra-Esfera Pública: a Pedagogia Radical como uma Forma de Política Cultural, In: MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA Tomaz Tadeu da (Org.). Currículo, Cultura e Sociedade. 2ª ed. Revista. São Paulo: Cortez, 1995.pp. 125-154.

⁵ UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular. 1998, p.22.

didático que havia proposto a elaborar teria como foco principal os sujeitos excluídos da história oficial como os negros, índios, mulheres, trabalhadores, etc. Contudo, compreendo que esses sujeitos não são os únicos responsáveis pela história; também compõem a trama histórica a elite econômica e política. Assim, cada grupo social percebe e narra a história de acordo com seu sentimento, sua visão e suas experiências.

Dessa forma, creio que um material didático coerente com o fazer histórico deveria contemplar a complexidade dos grupos sociais e as narrativas históricas singulares a cada grupo social. Um material didático que apresenta unicamente uma versão sobre a história pode contribuir para ocultar outras faces ou outros sujeitos do processo histórico. Poderia ainda apresentar equivocadamente os sujeitos de forma maniqueísta (heróis e vilões) ou ainda substituir a história positivista, que narra a história política burguesa, por uma história que conta apenas as injustiças, exploração a que foram “submetidas” as classes desfavorecidas.

FRANCO, discutindo sobre o ensino de orientação marxista-positivista afirma:

Esse ensino de História representa de forma maniqueísta a pluralidade cultural. A partir da premissa de que todos os homens fazem a história através de relações sociais conflituosas, ele procura dar voz aos excluídos, discutir os encontros e desencontros entre diferentes grupos sócio-culturais, ao invés de priorizar as ações da classe dominante como faz o ensino de História tradicional. No entanto, ele apenas contrapõe dominantes e dominados, não analisando as diversidades, tensões e contradições internas a esses grupos sociais, só enxergando problemas e crueldades entre os vencedores, heroificando ou vitimando os vencidos, não colocando em questão a trama de submissão e resistência que estes vivem.⁶

Nesse sentido, acredito que a alteração nos rumos da pesquisa foi valiosa, pois o objetivo proposto anteriormente, além de não valorizar o professor pesquisador, já que ofereceria pronto o material didático, também poderia contribuir para reafirmar o ensino de História “marxista vulgarizado”, discutido por FRANCO, pois o material didático teria como objetivo reconstituir a História local a partir dos sujeitos marginalizados dessa sociedade, o qual o professor poderia adotar acriticamente como faz com a História Oficial, substituindo uma visão histórica unilateral por outra.

Enfim, creio que o professor como intelectual proposto por GIROUX, deve, através da pesquisa, conhecer no campo histórico as diferentes vivências e interpretações da

⁶FRANCO, Alexia Pádua. O Ensino de História e a Formação do Cidadão: experiências múltiplas e contraditórias. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.18/19. Jan/dez. 1998. p.172

história, pois somente dessa forma poderá posicionar-se como sujeito ativo diante dos conteúdos a serem incorporados no currículo e, com autonomia frente ao conhecimento, trabalhar nas aulas de História a heterogeneidade que compõe o processo histórico social.

Após delinear o processo de definição do problema desta investigação, irei apresentar, a seguir, como a monografia foi organizada e a metodologia de pesquisa utilizada. No capítulo 1, analisamos a Proposta Curricular de História do Município de Uberlândia, os materiais didáticos adotados para o ensino de História, fazendo um questionamento acerca desses, mostrando que há outras interpretações para os temas estudados. Abordamos também alguns problemas que dificultam a implementação da Proposta Curricular, entre estes os limites da formação continuada das professoras.

Para conhecer o processo de construção da Proposta Curricular Municipal, optei por entrevistar as coordenadoras que estiveram à frente do processo, durante a elaboração da mesma. A análise do material didático foi feita nas escolas municipais Cecy Cardoso Porfírio, Guarda Antônio R. do Nascimento e Mário Alves Araújo Silva, onde consegui ter acesso aos cadernos de História dos alunos, e aos materiais didáticos que às professoras utilizam nas aulas. Aqui não posso deixar de agradecer as professoras que foram abertas e se prontificaram a colaborar, oferecendo todas as fontes que estavam ao seu alcance. Fontes estas, que sem elas seria impossível realizar essa pesquisa.

Para falar sobre a formação das professoras, além de buscar na Proposta Curricular as perspectivas para a formação continuada, novamente foi usada a entrevista oral. Desta vez foi entrevistada uma das coordenadoras da área de História do CEMEPE - Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais da Secretaria Municipal de Educação.

No capítulo 2 discutiremos sobre a pesquisa em História local, as dificuldades, possibilidades e importância para a historiografia e as pesquisas universitárias acerca da História de Uberlândia. Há uma ampla produção acadêmica na Universidade Federal de Uberlândia que trata sobre esse tema, no entanto, o ensino fundamental não tem acesso. Assim, sugerimos algumas alternativas de aproximação entre as professoras das séries iniciais e as produções acadêmicas. Objetivando ainda essa aproximação apresentamos um inventário bibliográfico contendo algumas produções universitárias sobre a História de Uberlândia e sua localização, visando facilitar para as professoras o seu trabalho de pesquisa.

Para fazer a análise sobre História local foram importantes as leituras de textos dos autores GOUBERT⁷, RODRIGUES⁸, AMADO⁹, NEVES¹⁰, BARBOSA¹¹. A partir dessas leituras percebi os obstáculos que os pesquisadores no campo da História local enfrentam, o quanto a História local é importante para rever generalizações e homogeneizações colocadas pela História nacional, e ao mesmo tempo como ela é desvalorizada, ocupando uma posição secundária em relação à História global ou da nação. Já o levantamento das produções universitárias para compor o inventário foi feito nas revistas História e Perspectivas, Cadernos de História, Cadernos de Pesquisa do CDHIS, Teses, Dissertações e Monografias que estão disponíveis na biblioteca da UFU ou no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS).

Apesar de entender que os problemas detectados - distanciamento entre produções acadêmicas e professoras do ensino fundamental, baixos salários, deficiência teórica dos docentes - podem se constituir em obstáculo para o avanço na formação das professoras das séries iniciais, e conseqüentemente para o avanço da prática de ensino de História, acredito que esse trabalho monográfico possa colaborar para aproximar as produções acadêmicas dos docentes. Contudo, essa pesquisa representa apenas um pequeno passo, diante do enorme problema de formação no campo histórico que se encontra a maioria dos profissionais que estão atuando nas séries iniciais.

CAPÍTULO 1

⁷GOUBERT, Pierre. História Local. História & Perspectivas. Uberlândia, v.6, n6 , pp.45-57, jan/jun. 1992.

⁸RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História Regional e Local: problemas teóricos e práticos. História & Perspectivas. Uberlândia, v.16, n.17, pp.149-164, jan/dez. 1997.

⁹AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. República em Migalhas. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990. pp.7-15.

¹⁰NEVES, Joana. O Ensino de História Local. Cadernos de História. Uberlândia, v.5, n.5, pp.19-26, jan/dez. 1994.

¹¹BARBOSA, Agnaldo de Sousa. A Propósito de Um Estatuto para a História Local e Regional: algumas reflexões. História & Perspectivas. Uberlândia, v.20, n.21, pp.117-128, jan/dez. 1999.

O Ensino de História na 3ª série das escolas municipais: entre a proposta e as práticas

Neste capítulo, abordarei algumas questões que dificultam a implementação, nas 3ª séries da rede municipal de ensino de Uberlândia, de um ensino crítico da história local, para depois, no capítulos 2, apontar possibilidades teóricas, metodológicas e de fontes de pesquisa para superar estas dificuldades.

Para isto, inicialmente, esboçarei as características da Proposta Curricular de História da Secretaria Municipal de Uberlândia e o processo de sua elaboração. Depois, discutirei as dificuldades na sua implementação, examinando os limites do material didático adotado e da formação histórica das professoras.

1.1 – A Proposta Curricular de História da Secretaria Municipal de Uberlândia

A história local é estudada mais detalhadamente nas escolas da rede municipal nas 3ª séries do ensino fundamental, através da temática “A construção da história do espaço de vivência da criança cidadã: Uberlândia”,¹² por sugestão da Proposta Curricular de História da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia.

Esta foi elaborada, de 1993 a 1997, com a participação direta de algumas professoras e indireta da grande maioria. Ou seja, de cada escola participavam um ou dois representantes que levavam para as reuniões de estudo as propostas do grupo maior da escola. De acordo com a proposta “as reuniões tornaram-se momentos de discussão, reflexão e constante análise crítica”¹³ e as discussões e reflexões aí realizadas eram encaminhadas para a escola por meio dos representantes.

Segundo as coordenadoras didático-pedagógicas deste processo, Eliana Leão e Wilma Canêdo Portilho, a idéia de delinear diretrizes para o ensino do Município surgiu dos próprios professores. Na década de 1990, houve uma expansão de matrículas na rede municipal, provocado pela municipalização do ensino de 5ª a 8ª séries que antes era assumido em sua maior parte pelo governo do Estado. Ampliaram-se as séries do ensino e, no entanto não foi estruturada uma proposta de trabalho para esse ensino. Assim cada

¹² UBERLÂNDIA. Secretária Municipal de Educação. Proposta Curricular. 1998, p.28.

¹³ Idem, p.6.

escola trabalhava, da forma que queria, os conteúdos que consideravam mais importantes. Eliana assim descreve o quadro escolar do município nesse momento:

Foram mais os professores de História que nos procuraram para traçar um plano de trabalho. Por exemplo: um professor trabalhava lá no São Jorge e lá começava pela História universal, depois ele foi para a Escola Municipal Afrânio (Jardim Brasília) e lá começava pela História do Brasil. Cada professor usava uma proposta que ele acreditava. Um pouco seguia a proposta do Estado, muita gente já não gostava, tinha muita discordância nessa parte aí. Não tinha uma organização do Ensino Fundamental.¹⁴

Assim, conforme Eliana, as professoras perceberam que a elaboração de uma proposta curricular era necessária para estabelecer uma filosofia de trabalho, organizar os conteúdos a serem estudados em cada série e ainda a abordagem desses na rede municipal de ensino.

A Proposta Curricular do Município tem como perspectiva para todas as áreas de conhecimento, “uma linha transformadora de educação fundamentada numa concepção histórico-crítica, tendo como suporte a crença de que o conhecimento é construído no interior do indivíduo e não transmitido do exterior para o interior”.¹⁵

Especificamente, a proposta Curricular de História para 1ª a 4ª séries teve a assessoria da professora da Faculdade de Educação da UFU, Selva Guimarães Fonseca, que tem pesquisas e livros publicados sobre o ensino de História, e contou com a participação direta de aproximadamente 80 professoras da rede municipal.

Durante as reuniões de estudo foi analisado o ensino de História, bem como os pressupostos que deveriam norteá-lo. Estes contrapõem-se ao ensino tradicional que privilegia a história macro-política dos heróis da elite, a memorização de fatos, datas e propõem que o ensino seja fundamentado por uma história em movimento, dialética. De acordo com a proposta:

Não se pode mais pensar na estruturação de uma proposta que não rompa com o estudo de um passado estático e distante, do qual se recordam fatos, datas e nomes a serem comemorados. O que se pode fazer é uma análise a partir das inter-relações passado -presente-futuro, tendo como referencial básico o homem e suas relações sociais, políticas e econômicas. A reflexão histórica que se deseja, logicamente vai abandonar a análise unilateral dos fatos. Ela deve conter as várias faces envolvidas no tema

¹⁴Coordenadora da Proposta Curricular. Entrevista 9/10/2003.

¹⁵ UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular. 1998, p.6 e 7.

*central abordado, como por exemplo, a inclusão de todos os sujeitos e sua participação na construção coletiva dos fatos históricos.*¹⁶

Podemos afirmar que a proposta curricular de História do Município constitui um avanço no campo educacional, quando rememoramos os antigos currículos adotados sobretudo durante a ditadura militar, quando a disciplina História foi descaracterizada em função de atender aos interesses do governo ditatorial. Sob a égide da Segurança Nacional o Ministério da Educação implantou o modelo pedagógico dos Estados Unidos – Estudos Sociais – desde as séries iniciais e excluiu as disciplinas de cunho filosófico (História e Geografia) que poderiam levar o aluno a pensar criticamente.

Nesse sentido, a disciplina Estudos Sociais ocupou o lugar da História durante o regime militar. Os conteúdos a serem estudados foram impostos através dos currículos elaborados por uma comissão de confiança do presidente do País daquele momento. Deve-se ressaltar que esses conteúdos tinham em sua essência os valores da Nação, integração social e trabalho e pretendiam ocultar os conflitos e as contradições da sociedade brasileira, bem como formar uma geração de estudantes e sujeitos passivos, conformados e coniventes com a ordem ditatorial.¹⁷

Percebe-se que a Proposta Curricular do Município busca romper com os Estudos Sociais e valorizar uma educação histórica que motive a formação do pensamento crítico e autônomo do aluno diante das questões do seu tempo, por meio de análises sobre o passado e sua relação com o presente. Este processo coincidiu com a reformulação nacional do ensino de História desde a 1ª série do ensino fundamental, através da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais que substituíram os Estudos Sociais pelo ensino de História e Geografia, respeitando suas especificidades. Este expressava o objetivo geral do ensino de História assim: “espera-se que, ao longo do ensino fundamental, os alunos gradativamente possam ler e compreender sua realidade, posicionar-se, fazer escolhas e agir criteriosamente.”¹⁸ Enfim, a elaboração da Proposta Curricular de História do Município de Uberlândia acompanhou um movimento nacional dos anos 90, realizado por

¹⁶Idem, p.21.

¹⁷ Ver mais sobre esse assunto: FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da História Ensinada. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

¹⁸ BRASILIA. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. 3ª ed. 2001, p.41.

professores pesquisadores de diferentes níveis de ensino e apropriado pela política governamental.

Dessa forma podemos afirmar que a Proposta tem uma orientação inovadora e pode contribuir para um avanço na qualidade do ensino de história, nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas municipais. No entanto, quando analisamos a prática em sala de aula, a abordagem que os materiais didáticos adotados seguem percebemos, na maioria dos casos, a continuidade do ensino tradicional de História, particularmente nas séries iniciais.

A seguir aprofundaremos a análise deste material didático adotado e daremos exemplos de outras possibilidades de abordagem da História local, além da que aparece nele.

1.2 – A implementação da proposta: limites do material didático adotado

O estudo da História Local sugerido na Proposta Curricular de História de Uberlândia tem como desafio a produção de material didático pelas professoras já que os livros didáticos produzidos em âmbito nacional não abordam esta temática, devido à diversidade e complexidade regional existente no Brasil.

Nas salas de aula de 3ª séries do município, o material didático é produzido a partir de informações retiradas do Guia Sei¹⁹, recortes de jornais²⁰, o livro *História de Uberlândia*²¹ e também o livro *Experiência no Ensino de História nas séries Iniciais do 1º grau*²². As professoras retiram textos destas fontes bibliográficas, xerocam-nos ou transcrevem para matrizes. As folhas são entregues para os alunos para leitura e discussão na sala de aula, e depois são coladas no caderno de História e Geografia.

É importante ressaltar que as professoras integram os conteúdos de História e Geografia, estudando a história do município e o espaço geográfico. A interdisciplinaridade dessas duas disciplinas nas escolas pesquisadas é um fator positivo que contribui para ampliar os horizontes de estudo sobre o município.

¹⁹ Guia Sei. Uberlândia 2003/2004, p.cidade, 1A.

²⁰ CORREIO. Uberlândia.

²¹ NASCIMENTO, Dorivaldo Alves do. *História de Uberlândia*. Uberlândia: ed. Grafy, 2000.

²² DEGANI, Romilda de Novais e NUNES, Silma do Carmo. *Experiência no Ensino de História nas Séries Iniciais do 1º grau*. Uberlândia: EDUFU, 1995.

Observamos que os materiais didáticos utilizados para o ensino de História Local são conservadores no sentido em que reafirmam uma concepção de história linear, positivista e unilateral.

Os textos do Guia Sei são usados para retirar dados oficiais sobre a história de Uberlândia, sobre a formação do povoado de São Pedro do Uberabinha e seu desenvolvimento até a criação do Município de Uberlândia. Retiram-se também datas históricas como o ano em que os Carrejos tomaram posse das terras nessa região, a data da primeira residência e da criação do distrito de São Pedro do Uberabinha. Utiliza-se ainda o mapa da cidade, as informações sobre os aspectos demográficos, a hidrografia, os pontos turísticos, destacando o Parque do Sabiá e a Cachoeira da Sucupira, além do hino de Uberlândia. A forma como estes dados são abordados em sala de aula segue a mesma orientação do Guia Sei: não há problematização dos temas. O texto é copiado do Guia Sei e depois repassado como informação inquestionável para os alunos memorizarem.

O jornal utilizado em quase toda a rede municipal de ensino é o *Correio*. Neste jornal as professoras pedem aos alunos para pesquisarem sobre os problemas atuais de Uberlândia como a violência, o desemprego e ainda figuras que retratam Uberlândia.

O livro de NASCIMENTO também utilizado tem uma abordagem histórica positivista, privilegiando a história dos “pioneiros”. Narram-se os “grandes homens” que trouxeram o progresso para essa cidade. O autor recompõe a história dessa região de forma linear, iniciando com a colonização, o povoamento e os primeiros habitantes, a oficialização do município, a emancipação do município, e assim por diante. Relaciona ainda todos os prefeitos, enfatizando o Sr. Virgílio Galassi. Destaca também a atuação de Rondon Pacheco e Homero Santos.

Das três escolas pesquisadas somente uma professora da Escola Municipal Mário A. Araújo utilizava o livro *Experiência no Ensino de História* de DEGANI e NUNES que em entrevista afirmou que esse é apenas um dos materiais utilizados, pois não há um recurso pronto e completo. Assim ela busca outras informações no Guia Sei e utiliza também os textos construídos pelos próprios alunos a partir das reflexões e discussões feitas em sala de aula.

Foi observado nos materiais didáticos que ao trabalhar o Hino de Uberlândia a professora utilizou parte da proposta de NUNES e DEGANI contida nesse livro. A forma como é abordado o estudo do Hino de Uberlândia é interessante no sentido em que leva o aluno a pensar sobre o que a letra dessa música nos diz sobre a cidade (ordeira, harmônica,

progressista) e o que a realidade (desemprego, violência, pobreza) nos mostra. A proposta ainda permite que os alunos escrevam sobre o que eles pensam a respeito do Hino e da cidade onde vivem. Assim, esta última fonte de pesquisa citada, diferente das outras fontes utilizadas pelas professoras, traz uma concepção histórica não positivista que motiva a reflexão crítica, o posicionamento do aluno, o confronto de diferentes interpretações históricas, no entanto, é a menos adotada.

Nas escolas pesquisadas, o estudo sobre a história de Uberlândia inicia-se em 1.722, com a chegada do bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva Júnior na atual região do Triângulo Mineiro, elegendo algumas famílias tradicionais que vieram compor um arraial, onde hoje se situa Uberlândia. Destaca-se que Felisberto Alves Carrejo desempenhou um papel importante na “fundação” desse arraial.

Ao analisar o material didático utilizado para o estudo desse período, percebe-se que há uma lacuna espaço-temporal em que os materiais não conseguem explicar o processo histórico entre 1.722 até 1.832, quando da chegada de Felisberto Alves Carrejo e seus familiares. Assim, mais de um século de história aparece como uma página em branco nos materiais didáticos que tratam sobre a história de Uberlândia.

No entanto, pesquisas acadêmicas poderiam ajudar a discutir este vazio, através de análises que trazem dificuldades, conflitos entre diferentes grupos existentes no início da formação de nossa cidade, contrapondo-se a representação de história ordeira, harmônica. Um exemplo é a dissertação produzida por LOURENÇO que afirma que, a colonização da região do Sertão da Farinha Podre foi dificultada pelas resistências dos índios caiapós. Foram necessárias várias investidas dos colonizadores até que a Coroa declarou guerra aos caiapós para que se efetivasse a dominação e logo a colonização. LOURENÇO, assim descreve essa região:

É a menos conhecida, não havendo nela estabelecimento algum de cristãos. Os caiapós, que a dominam (repartidos ainda, segundo dizem, em várias tribos), têm sido fatais por vezes aos comboios cuiabanos(...). Essa região(...) tratava-se de uma parte do interior da colônia, onde a resistência indígena impediu, por muito tempo, que se insturassem os poderes do Estado Colonial.²³

²³LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. A Oeste das Minas Escravos, Índios e Homens Livres Numa Fronteira Oitocentista: Triângulo Mineiro. Dissertação de Mestrado. Instituto Geografia./UFU, 1998.

Assim, somente com o extermínio e acultramento dos índios caiapós, no início dos anos 1.800, foi possível fixar os primeiros forasteiros nesta região. Desta forma, seria importante discutir com os alunos este período de luta entre bandeirantes e índios, para eles observarem que o surgimento de nossa cidade deu-se no embate de, pelo menos, dois projetos (indígena X português), e os reflexos disso para os dias de hoje – extermínio da população indígena, problemas na definição e manutenção de suas reservas de terra.

Há ainda outra questão nos materiais didáticos referentes a esse período que deve ser abordado. De acordo com eles, Felisberto Alves Carrejo foi o fundador de Uberlândia e aquele que iniciou o processo de desenvolvimento da região. Isso fica evidente no texto didático da Escola Municipal Guarda Antônio e na Escola Municipal Mário Alves respectivamente.

Por volta de 1.823 começaram a chegar do Sul de Minas os Carrejos, os Alves e os Pereiras que deram início ao processo de produção econômica(...). O Senhor Felisberto Alves Carrejo comprou terras na região e construiu a primeira igreja e a primeira escola juntas às casas daqueles que ali habitavam.²⁴

Em 1.835, quando chegou aqui Luiz Alves Carrejo com seus irmãos Antônio Francisco e Felisberto Alves Carrejo (...) compraram terras e dividiram entre os membros da família. Estas terras deram origem às fazendas Olhos D'água, Lage, Marimbondo e Tenda. Esta última propriedade de Felisberto Alves Carrejo, hoje é Uberlândia.²⁵

Diferentemente, o catálogo do Museu Municipal de Uberlândia²⁶ menciona que, aproximadamente dezessete anos antes de Felisberto Alves Carrejo, João Pereira da Rocha, filho de nobres portugueses que havia recebido uma carta de sesmaria por volta de 1817, havia se instalado nesse lugar com sua esposa, onze filhos e escravos. Estudos demonstram que João Pereira da Rocha de posse de sua sesmaria em 1818, fixou moradia próximo ao Ribeirão São Pedro – atual Av. Rondon Pacheco – e deu início à sociedade econômica capitalista, quando

Ofereceu facilidades para aquisição de terras (...) e estabeleceu um esquema de concessão temporária, que difundido na região atraiu várias famílias, as quais se instalaram às margens do córrego São Pedro. Somaram-se a esse contingente os escravos antes deixados por João P. da Rocha, o que configurou o início do povoado na região hoje conhecida como Fundinho. Neste local, João Pereira ergueu um cruzeiro e construiu

²⁴ Folha mimeografada. Escola Municipal Guarda Antônio R. do Nascimento. Uberlândia-MG, 2003.

²⁵ Folha mimeografada. Escola Municipal Mário Alves A. Silva. Uberlândia-MG, 2003.

²⁶ UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de cultura. Museu Municipal de Uberlândia. Mostra Nossas Raízes. 2000.

*um rancho de sapé que funcionava como Capela, onde se reuniam para rezar terços, fazerem festas e leilões.*²⁷

Dessa forma, a família Pereira da Rocha incentivou a migração de colonos para essa região e conseqüentemente a formação de um núcleo de povoamento. Assim, de acordo com esta interpretação histórica, a vinda dos Alves Carrejo está relacionada com a necessidade de prestadores de serviço como afirma o catálogo do Museu:

*A instalação das fazendas criou a demanda do carro de bois e conseqüentemente, a necessidade de especialistas em ferragens próprias para este transporte. Francisco Alves Pereira, tendo notícias da existência de entendidos no assunto em Campo Belo do Prata, partiu em busca dos mesmos. Foi então que conheceu a família Carrejo, que contavam em seu meio com excelentes ferreiros. Para facilitar a vinda destes, ofereceu facilidades para a aquisição de terras. A porção adquirida compreendia as fazendas Laje, Tenda, Marimbondo e Olhos D'água.*²⁸

Não se sabe verdadeiramente o porquê, e aqui caberia outra pesquisa, a história oficial da cidade elegeu como fundador de Uberlândia o senhor Felisberto Alves Carrejo e não João Pereira da Rocha. Segundo o Jornal *Correio*, “Felisberto é tido como fundador(...) pela sua atuação como construtor e sacristão da capela, professor e posteriormente o primeiro Juiz de Paz”.²⁹

Sabe-se que, devido à forte aliança entre o Estado e a Igreja que existia no Brasil, os núcleos de povoamento, que se transformavam em arraiais ou vilas durante a colonização, tinham como fundador aquele sujeito que doava as terras para a construção da capela. Uma das exigências para elevar o povoamento à categoria de arraial era a construção de uma Igreja e a consagração desta por uma autoridade eclesial.³⁰ Contudo, de acordo com a interpretação do projeto “Nossas Raízes”, em Uberabinha foi diferente:

*O caso específico de Uberabinha foi peculiar, pois não houve um doador, mas sim várias pessoas da comunidade que se cotizaram e adquiriram tal patrimônio. Esses doadores ficaram no anonimato e muito tempo depois, em 1969, a Câmara Municipal de Uberlândia concedeu este título a um dos procuradores.*³¹

O título de fundador da cidade foi assim atribuído a Felisberto Alves Carrejo pela Câmara Municipal de Uberlândia e, desde então, essa pessoa passou a ser considerada na

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ CORREIO. Felisberto é tido como fundador. Uberlândia, 31/08/2000. p. D-13

³⁰ Ver mais sobre esse assunto em LOURENÇO, Luis A. Bustamante. A Oeste das Minas, Índios e Homens Livres Numa Fronteira Oitocentista. Dissertação de Mestrado. Instituto Geografia/UFU, 1998.

³¹ UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Cultura. Museu Municipal de Uberlândia. Mostra Nossas Raízes. 2000.

História Oficial como aquele que trilhou os caminhos do “desenvolvimento e progresso” da cidade enquanto que o procurador Francisco Alves Pereira assim como seu pai, João Pereira da Rocha foram deixados no esquecimento, apagado da memória coletiva.

Os materiais didáticos analisados trazem essa orientação. Enfatizam os feitos de Felisberto Alves Carrejo sem citar João Pereira da Rocha. Isso ocorre devido à dificuldade das professoras ao acesso a outras fontes históricas e ainda ao pouco preparo para lidar com a pesquisa e as diferentes concepções historiográficas.

No entanto, ao invés de apenas reforçar este esquecimento tanto de alguns personagens da elite (Pereira Rocha) quanto de grupos marginalizados (índios caiapós, negros escravos), seria importante discuti-los com os alunos para eles perceberem que a História não é uma verdade absoluta, independente dos interesses de quem preserva as fontes, registra os fatos. Assim, estaríamos concretizando o que a Proposta Curricular Municipal de História propõe ao afirmar que “a reflexão histórica que se deseja, logicamente vai abandonar a análise unilateral dos fatos. Ela deve conter as várias faces envolvidas no tema central abordado, como por exemplo, a inclusão de todos os sujeitos e sua participação na construção coletiva dos fatos históricos”.³²

O aumento da população desse arraial é tratado pelos materiais didáticos como resultado do constante progresso da região, como aparece no texto trabalhado com os alunos da E. M. Mário Alves Araújo Silva: “Com o passar do tempo novas famílias chegaram de cidades distantes atraídas pelo progresso”.³³

Novamente, pesquisas acadêmicas poderiam ajudar a ampliar esta discussão, oferecendo outras possíveis interpretações para a questão do aumento da população local. Na análise de GUIMARÃES e SAMPAIO, as migrações que ocorreram nessa região, durante o século XIX, estavam relacionadas com a decadência das minas de ouro e a nova economia em ascensão: a atividade da agropecuária e agricultura, sobretudo, cafeeira para fins lucrativos. GUIMARÃES afirma que:

A partir do final do século XIX uma nova orientação seria dada à economia triangulina. Com o desenvolvimento da economia cafeeira e com a expansão ferroviária, o triângulo ganhou uma nova geografia econômica. Estes novos elementos viriam a reorientar os fluxos

³² UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Curricular*. 1998 p.21.

³³ Folha mimeografada – Material didático da E. M. Mário Alves Araújo Silva.

*econômicos e migratórios estabelecendo as bases de uma nova estrutura produtiva definitivamente voltada para o mercado.*³⁴

De acordo com SAMPAIO:

*Com a decadência da exploração das minas na segunda metade do século XVII(...) a alternativa que se apresentava para a população desocupada da mineração era a produção agropecuária. No início do século XIX o Triângulo já se encontrava ocupado economicamente em grande parte e fornecia alimentos para São Paulo e Rio de Janeiro.*³⁵

Percebe-se, através dos textos acima, que o aumento populacional em determinadas regiões é um fator que se refere a uma conjuntura econômica, num momento de reorganização do capitalismo triangulino. Ao mesmo tempo, a migração representava para as camadas populares a luta em busca da sobrevivência.

Isto também é tratado por LOURENÇO, ao afirmar que o esgotamento do solo, provocado pela atividade aurífera e a agricultura de pousio curto foram “fatores que levaram à migração e dispersão da população - tensão demográfica crescente sobre solos com diminuição do tempo de pousio, demanda por novas áreas cultiváveis – também estavam presentes em Minas Gerais”.³⁶ Nesse sentido, os autores propõem uma interpretação para o aumento da população na nossa região que pode se contrapor à interpretação oficial de que o “progresso” era o motor que impulsionava as pessoas para esse lugar.

Depois de estudar a formação do povoado que viria a ser Uberlândia, o conteúdo de História da 3ª série do ensino fundamental segue enfatizando a construção da primeira escola, igreja, estrada (Mogiana), cinema, indústria e ainda o momento em que a cidade recebeu o nome de Uberlândia em 19 de outubro de 1929. É trabalhado o significado da palavra Uberlândia - Terra Fértil e o Hino de Uberlândia.

O Hino de Uberlândia e o significado do nome da cidade são estudados nas escolas pesquisadas, como informação a ser repassada para os alunos. Não há questionamento sobre o quê a letra do hino diz ou sobre o quê o nome da cidade representa socialmente.

³⁴ GUIMARÃES, Eduardo Nunes. A transformação do Sertão da Farinha Podre: O Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. História e Perspectivas. Uberlândia, v.4, Jan/jun. 1991, p.11.

³⁵ SAMPAIO, Roberto C.. Migrações Internas no Triângulo Mineiro: Análise Demográfica e Econômica 1960-1970. Dissertação de Mestrado, Economia/UFMG, 1985.

³⁶ LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. A Oeste das Minas Escravos, Índios e Homens Livres Numa Fronteira Oitocentista: Triângulo Mineiro. Uberlândia, 1998. Dissertação de Mestrado. Instituto Geografia/UFU. p.93.

DEGANI e NUNES³⁷ sugerem outra forma de se trabalhar o Hino por meio de indagações, onde o aluno perceberia as contradições entre o Hino e a diversidade e desigualdade do social.

Além desses conteúdos, o ensino da História local prioriza a transformação do espaço urbano, a produção e o trabalho em Uberlândia (destaque econômico de Minas), o conceito de Município, zona urbana e zona rural. Também há uma preocupação em trabalhar os pontos turísticos (Cachoeira dos Sucupiras, dos Namorados e Bom Jardim) e o aspecto cultural da cidade (Folia de Reis, Congado e culinária).

Em todos esses tópicos trabalhados e em todas as escolas pesquisadas, percebe-se que há uma dificuldade em problematizar os conteúdos ensinados, os quais são repassados como informações neutras. Também não se estabelece relação passado-presente, ocorrendo uma fragmentação do processo histórico, a qual, sobretudo para crianças que ainda se encontram na fase do concreto - 8 a 9 anos, pode contribuir para a incompreensão da realidade que as cerca.

Do mesmo modo, quando o ensino avança para as questões atuais, essas são desconectadas dos acontecimentos passados, faltando uma fundamentação histórica para as questões estudadas. Esse problema é também percebido pela professora que atua há vinte e cinco anos nas séries iniciais do ensino fundamental. Ela colocou, durante a entrevista, que uma de suas dificuldades no ensino de História é:

ter uma seqüência da História lá do passado até nos dias de hoje. Assim, falta, como é que eu falo pra você... um elo. Em cada série você trabalha um conteúdo, chega na outra já pula. Então a gente fica trabalhando pedacinho(...) a gente ensina os pedacinhos não tem aquele elo.³⁸

Fica claro na fala da professora que relacionar passado e presente constitui um obstáculo, porque as professoras não têm uma visão de conjunto sobre o processo histórico, nem do tempo histórico. Isso é comprovado também na introdução do texto didático que procura reconstituir a história de Uberlândia:

“Eu sou curumim. Curumim é como se chama uma criança índia. Eu nasci nas terras desse lugar. Eu sou Uberlandense. Sou do tempo em que nenhum homem branco havia chegado aqui. Mas, eu sou um curumim mágico, vivi, vivo e viverei sempre... sempre. E como criança gosta de

³⁷ DEGANI, Romilda de Novais e NUNES, Silma do Carmo. Experiência no Ensino de História nas Séries Iniciais. Uberlândia. EDUFU, 1995 pp.44 - 47.

³⁸ Professora da 3ª série na Escola Municipal Guarda Antônio R. do Nascimento e Escola Estadual Professora Juvenília Ferreira. Entrevista 13/01/2004.

*histórias, vou contar a você meu amiguinho, pedacinhos de uma história verdadeira. Linda!... Linda! Você vai adorá-la.*³⁹

Nesse fragmento de texto, percebemos um equívoco relacionado não somente ao tempo histórico, mas também aos conceitos básicos de um ensino de História crítico como o defendido pela Proposta Municipal de História (diferenças e semelhanças, permanências e rupturas, diversidade cultural, conflito social). Afirmar que a criança indígena foi Uberlandense é um anacronismo. A criança indígena não foi Uberlandense, pois quando a cidade recebeu esse nome as populações indígenas não habitavam mais esse local. Muitos haviam sido exterminados na disputa pelo controle da região e outros abandonaram esta área, numa forma de resistir à ameaça que representavam aqueles que aqui chegavam trazendo os “ideais do progresso”.

Não podemos esquecer que após a chegada dos bandeirantes na região atual do Triângulo Mineiro iniciou-se o extermínio dos índios caiapós e a destruição da sua cultura. Por isso, o processo de colonização contada pelos indígenas com certeza não será uma “história linda”, mas uma história marcada por episódios trágicos vista com consternação e melancolia.

Há, ainda, um outro problema nesse texto que é a abordagem da história como sendo uma verdade inquestionável, apresentando uma versão do passado como se fosse única, o que fica evidente no trecho “pedacinhos de uma história verdadeira”.

Ao inserir a questão indígena no ensino regional devemos estar atentos à heterogeneidade de etnias que dividiam os espaços do antigo Sertão da Farinha Podre. Cada etnia tinha sua própria língua, sua própria cultura. Assim a palavra curumim que é de origem tupi, provavelmente não era utilizada pelos caiapós para referir-se a suas crianças, pois o seu dialeto era outro. Ribeiro discute esta visão tradicional de índio que permeia o imaginário popular. Segundo o autor:

*O índio no Brasil é uma enorme generalização. A nossa cultura pouco incorporou a diversidade dos povos nativos da América Portuguesa e continua a falar de um índio genérico, sem se dar conta da diversidade de culturas e povos que se escondem sob esse termo de sentido amplo.(...) O nosso “modelo” de índio se refere aos Tupi do litoral e pouco se sabe sobre muitos outros povos que viviam pelo interior do continente.*⁴⁰

³⁹ Folha mimeografada utilizada como material didático na E. M. Mário Alves Araújo Silva.

⁴⁰ RIBEIRO, Ricardo Ferreira. KAYAPOÉIA. JAHUI Boletim. Uberlândia: Gráfica Universitária, v.6, 2002. p.9.

Outro tópico presente no ensino de 3ª série diz respeito aos problemas atuais da cidade. Para tratar desse tema é utilizado o *Jornal Correio*, no qual as professoras pedem aos alunos para pesquisarem sobre a violência, o desemprego, movimentos sociais como, por exemplo, o MST (Movimento Sem Terra). Aqui percebo uma contradição no ensino. Ao trabalhar com o passado de Uberlândia, as professoras utilizam a História Oficial, mas ao lidar com temas do presente apresentam abordagens mais críticas. Isso é demonstrado pelo texto:

As pessoas(...) alegram-se porque trabalham, estudam, jogam futebol, alimentam-se bem, cantam, dançam. E sofrem porque muitas pessoas não conseguem trabalhar, não têm escolas, não podem brincar e às vezes nem mesmo têm o que comer. A cidade tem bairros ricos, com casas bonitas, ruas e avenidas asfaltadas, lojas bem iluminadas, cheias de mercadorias caras. Mas a cidade tem também bairros muito pobres, vilas e favelas onde não tem nem mesmo uma rua aberta por onde se possa passar. Sem luz elétrica, rede de água e esgotos e proteção policial. A divisão dos espaços na cidade é um reflexo das diferenças que existem na própria sociedade, entre pessoas ricas e pobres.

Nas cidades há muitos desempregados. As famílias passam dificuldades, pois não têm dinheiro para comprar comida o suficiente, roupas, remédios, aluguéis.

A violência(...) acontece diariamente, muitos assaltos, assassinatos, estrupos. A vida difícil, o desemprego, a falta de moradia são causadores dessa violência urbana.⁴¹

Esta contradição no olhar sobre o presente e o passado da cidade, existente no material didático adotado pelas professoras em sala de aula, demonstra que estas não fizeram uma opção teórica metodológica pela História Oficial, mas utilizam-na para ensinar a formação da cidade por seus escritos serem de fácil acesso e por não terem aproximação com outras fontes históricas e recursos didáticos mais críticos.

Contudo, mesmo tendo uma abordagem crítica, as questões atuais não são historicizadas. Em outras palavras, temas como desemprego, diferenças de classes sociais, violência, e outros não aparecem como sendo problemas decorrentes de uma organização social historicamente construída pelos diferentes agentes sociais. Essa análise deveria ser percebida pelos alunos, pois é a partir dessa reflexão que o educando compreenderá que a sociedade nem sempre foi como é e se esses problemas existem foi devido às relações entre os sujeitos históricos, e que a mudança na sociedade a qual pertencem depende das ações

⁴¹ Textos utilizados como material didático na Escola M. Guarda Antônio R. do Nascimento.

dos sujeitos do presente. É isto que está sugerido na Proposta Curricular de História do município, onde FONSECA afirma que

O estudo de História nos primeiros anos de escolaridade deve priorizar o desenvolvimento de noções básicas para a formação da consciência histórica: tempo e espaço, mudanças e permanências, transformação, movimento, semelhança, diferença, trabalho, grupo social, relações sociais, cultura e História.(...) O aqui e o agora devem ser o ponto de partida da observação, da identificação e da compreensão. A partir do momento em que a criança domina o que lhe é mais próximo, amplia-se o estudo para os espaços mais distantes e para o passado, buscando explicações, comparações e referências. O movimento presente/passado não deve ser rígido, mecanicista e linear. Ele pressupõe um vai e vem permanente para que a criança perceba as transformações, as mudanças e as permanências, partindo e relacionando sempre com a sua vivência hoje.⁴²

Assim como não há história neutra também não há um ensino de História imparcial, livre de uma dada concepção de mundo. Dessa forma, o ensino de História tem o poder de traduzir linguagens ideológicas que corroborem com a permanência da estrutura social vigente ou ainda esse ensino pode ser utilizado de forma reflexiva, desmistificando o discurso burguês de sociedade e provocando ações que visem à transformação do espaço social.

As produções de textos dos alunos do ensino fundamental acerca dos 115 anos de Uberlândia demonstram que o ensino de História local reafirma as ideologias das elites locais que vêem a cidade como o centro do progresso e do desenvolvimento, ignorando as mazelas geradas pelas contradições econômicas e sociais. Assim, o ensino de história nas séries iniciais tem contribuído para a perpetuação do imaginário ufanista que perpassa a sociedade uberlandense. Os textos abaixo elucidam essa questão:

Como tribo foi conhecida, chegando a ser: sertão, fazenda, arraial e transformando-se em metrópole. Unida, brancos, negros, mulatos, pardos, gente de todas as raças e classes sociais. De camelôs a grandes comércios, de micro empresa a grandes indústrias, destacando-se a Algar como marco desenvolvimento e empreendimento. A população luta em prol do crescimento da cidade, que vem se transformando em metrópole, com brilho, astúcia e garra!⁴³

⁴²UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular. 1998, p.38-39.

⁴³Alunos da 4ªsérie da E. E. Conjunto Habitacional Cruzeiro do Sul. Caderno Revistinha, p.3. Correio, 31/09/2003

*Uberlândia: Universo de oportunidades. Beleza acolhedora do Triângulo Mineiro, elegante, receptivo aos brasileiros de múltiplas regiões, liberal e próspera, ativa e soberana, núcleo de agropecuária, diversidade industrial, imponente se destaca, a hora do progresso. Assim é nossa Uberlândia!*⁴⁴

Os textos acima expressam o imaginário das crianças sobre Uberlândia. Percebe-se que os alunos internalizaram uma concepção linear de progresso e evolução com base no desenvolvimento da indústria e da tecnologia. Ao mesmo tempo os textos apresenta uma Uberlândia harmônica, sem conflitos, ausente de problemas sociais como a pobreza, a violência e a desigualdade social e econômica. Como afirma FONSECA

*A escola reforça nos alunos a interiorização da idéia de que não somos sujeitos.(...) A passividade de alunos e professores frente ao conhecimento da realidade(...) retira do processo de ensino de História toda e qualquer dimensão de polêmica, debate entre correntes interpretativas, reflexões sobre valores e idéias presentes no nosso universo mental.(...) O professor ao colocar e, prática esta concepção de ensino/aprendizagem que separa a transmissão de informações da reflexão, da descoberta e da elaboração, inibe o processo de compreensão de como o conhecimento é elaborado e a possibilidade de permanente reconstrução do saber. Assim o professor acaba por cristalizar fatos, idéias e valores como verdades inquestionáveis.(...) Além disso, esta postura do professor acaba legitimando uma dada memória, ao mesmo tempo que dificulta a efetivação de experiências que rompem com a forma tradicional de ensinar História.*⁴⁵

Conclui-se que a História ensinada nas 3ª séries da rede municipal, muito mais que despertar o aluno para um olhar crítico e reflexivo acerca da realidade a qual se encontra inserido, tem formado mentalidades coniventes com o discurso ideológico burguês, ao mesmo tempo em que naturaliza os problemas sociais e as relações de dominação próprias do sistema capitalista, levando o aluno à aceitação desse modelo social e não a sua superação.

Por tudo o que foi analisado até aqui, percebe-se que as orientações metodológicas da Proposta Curricular Municipal de História não conseguem efetivar-se pela fragilidade do material didático e pela dificuldade de acesso a outras fontes históricas e produções historiográficas não oficiais.

Diante desta conclusão reafirmamos a importância de delinear as atitudes concretas que visem a transformação da prática nas aulas de história das séries iniciais, contrapondo as diferentes interpretações históricas sobre a História local e

⁴⁴SOUZA, Lorrana A.. Aluna da 4ª série. Escola Municipal Professora Gláucia Santos Monteiro. Caderno Revistinha, P. 7. Correio, 31/09/2003.

⁴⁵FONSECA, Selva Guimarães. O Ensino de História e Geografia nas Séries Iniciais: a temática regional. Ensino em Re-Vista. Uberlândia: v.1, n.1, p.46, jan/dez 1992.

conseqüentemente diversificando o material didático utilizado nas escolas, que hoje é constituído basicamente da história oficial. Para isto, a produção acadêmica sobre a História local poderia muito contribuir, conforme exemplos que discuti anteriormente, se não fosse seu distanciamento em relação à prática docente do ensino fundamental. É o que analisaremos mais profundamente no próximo capítulo, depois de realizarmos uma breve discussão de como a formação docente também pode colaborar para a efetivação de uma educação histórica que supere o ensino tradicional e positivista.

1.3 – Entre a proposta e a prática: o papel da formação docente

Desde que a Proposta Curricular do município de Uberlândia foi apresentada em 1998, há uma preocupação por parte dos coordenadores do CEMEPE (Entro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais), com a formação continuada das professoras e com a capacitação das mesmas, por meio de cursos, reuniões e encontros, para a compreensão e implementação das idéias sugerida na Proposta, na qual há a expectativa de que “o esforço desencadeado continue promovendo a formação continuada dos profissionais da Rede Municipal de Ensino para garantir a implementação e constante avaliação coletiva da Proposta”.⁴⁶

No entanto, essa intenção foi interrompida, por questões políticas, pela equipe que ocupou a Secretaria Municipal de Educação no período de 1999 a 2000, a qual não era a mesma que dirigia a Secretaria durante a elaboração da proposta. Segundo as coordenadoras do projeto:

*A Proposta muito bem feita coletivamente, hora de ir para a prática, vem uma nova gestão. Cada gestão que entra quer por o seu projeto e desconsidera tudo que o outro fez.(...) Mas tem um marco. Quando entrou aqui a gestão que ficou os últimos anos, ela realmente desconsiderou isso que foi feito. Então não implementou a Proposta.*⁴⁷

⁴⁶ UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular. 1998, p.9.

⁴⁷ Coordenadoras da Proposta Curricular. Entrevista 19/10/2003.

Assim, só em 2001 as discussões acerca da Proposta foram dinamizadas, com uma nova gestão na Secretaria Municipal de Educação. Voltou-se a investir na formação prevista na Proposta Curricular, revendo o programa, as dificuldades e possibilidades de sua aplicação, trocando experiências, discutindo seus pressupostos básicos. Sendo assim, desde 2001 acontecem no CEMEPE cursos para as professoras da rede municipal, retomando não só a Proposta Curricular de História, mas também de Português, Matemática, Ciências e Geografia.

Uma das atuais coordenadoras da área de História no CEMEPE disse que foi a partir do ano de 2.003 que sua equipe iniciou um trabalho mais intenso de formação com as professoras das séries iniciais, pois esse trabalho era feito só com professoras de 5ª a 8ª séries. Segundo ela, “em 2003 nós passamos a atender o pessoal de 1ª a 4ª séries. De 2001 a 2002, nós não atendíamos esses professores coletivamente, com oficinas. O atendimento era aleatório e individual, a professora ia lá, marcava uma reunião e pedia material ou informação”.⁴⁸

A coordenadora disse, ainda, que no ano de 2003, foram oferecidas três oficinas de História para os professores das séries iniciais, onde se discutiu “sobre o que é História, a importância da História nas séries iniciais, as diferentes correntes historiográficas, e depois a gente trabalhou a História Local tendo como bibliografia aquele livro da ESEBA⁴⁹”.⁵⁰ Para o ano de 2004 foram previstas duas oficinas. Uma aconteceu no 1º semestre e a outra está programada para o segundo. A oficina já realizada tratou do processo de formação do Triângulo Mineiro, discutindo o texto de BACELAR⁵¹ e sugerindo atividades que poderiam ser aplicadas com as crianças. Enfim, a oficina foi bastante interessante e constituiu-se num momento em que, além de trocas de experiências, as professoras puderam colocar suas dúvidas e dificuldades acerca desse tema.

Percebe-se, nas oficinas, que a maioria das professoras que atua nas séries iniciais têm muito interesse e estão abertas a novos conhecimentos que possam contribuir para melhorar a sua prática pedagógica. No entanto, os cursos oferecidos apresentam algumas

⁴⁸Coordenadora da área de História do CEMEPE. Entrevista 12/02/2004.

⁴⁹Idem.

⁵⁰DEGANI, Romilda de Novais e NUNES, Silma do Carmo. Experiências no Ensino de História nas Séries Iniciais do 1º grau. Uberlândia: EDUFU, 1995.

⁵¹ BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. Os Mitos do “Sertão” e do Triângulo Mineiro: as cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade. Uberlândia, 2003. Dissertação Instituto de Geografia-UFU.

deficiências que dificultam a efetivação de uma formação continuada aprofundada, sólida que alcance todo o corpo docente.

Em primeiro lugar, as oficinas de História para professoras de 1^a a 4^a séries ocorrem geralmente duas vezes por ano, com quatro horas de duração cada. Esse tempo é insuficiente para um estudo mais aprofundado sobre as questões da História e seu ensino. Por outro lado, elas não atendem todas as professoras, pois participam dos encontros apenas um profissional de cada escola mais o pedagogo e nem sempre há, nas escolas, disponibilidade de dias para que as participantes repassem para as colegas o que foi discutido nas oficinas.

Contudo, compreendemos que as oficinas podem ser uma “semente” que potencializada, poderá colaborar para melhorar a formação histórica das professoras que atuam nas séries iniciais. Inclusive através delas, pode-se desenvolver uma maior aproximação entre estas profissionais e a produção acadêmica sobre a História local que muito pode contribuir para a superação do ensino da História de Uberlândia baseado exclusivamente na interpretação oficial. No capítulo seguinte, discuto mais profundamente esta contribuição.

CAPÍTULO 2

Produção acadêmica sobre a História local e o Ensino da História local nas 3ª séries do ensino fundamental: encontros e desencontros

Após, no capítulo 1, desenhar um panorama geral dos descompassos entre a Proposta Curricular do município de Uberlândia que propõe romper com a História oficial e positivista e uma prática de ensino que mantém, no material didático adotado, esta tendência de ensino, vamos discutir os desencontros entre este material didático e a produção historiográfica sobre a História local, procurando, a partir daí, descobrir possibilidades de aproximá-los em prol de um ensino de história crítico que dê voz aos múltiplos sujeitos sociais que participam do processo histórico.

No primeiro tópico discutiremos os obstáculos que a pesquisa em História local enfrenta, sua desvalorização e importância para a escrita da História, pois é a partir dos estudos locais que podemos perceber a heterogeneidade do social e os múltiplos sujeitos que o compõem. Depois no segundo tópico discorreremos sobre os desencontros entre as produções acadêmicas e o ensino de História local, sugerindo formas para superar este distanciamento. Por fim, elaboraremos um inventário com referências bibliográficas que podem ser utilizadas pelas professoras para pesquisa e planejamento de suas aulas. Será uma colaboração que gostaríamos de deixar para aquelas professoras interessadas em repensar e reelaborar os materiais didáticos das aulas de História local.

2.1 Produção historiográfica sobre História local: dificuldades e possibilidades

As pesquisas no campo da História local apresentam inúmeras dificuldades já percebidas e discutidas por alguns autores como AMADO, que as sintetiza muito bem:

Mau estado de conservação e desorganização dos documentos históricos(...) na maioria das instituições estaduais e municipais(...); A documentação local, necessárias à pesquisa geralmente está em mãos de pessoas que se consideram “donas” e não querem cedê-las. Isto talvez aconteça porque, em locais menores, onde predominam relações de tipo pessoal e privado, haja mais dificuldade em identificar patrimônio histórico com patrimônio público. Mas acontece também porque, nestes

*lugares, muitos “donos” da documentação pertencem às antigas oligarquias locais, estão habituados a mandar. E não hesitam em usar este poder contra o pesquisador, principalmente quando desconfiam que o resultado da pesquisa poderá prejudicar seus interesses ou comprometer sua imagem. Somem-se aos fatores citados o pequeno apoio financeiro, pois as fontes financiadoras da pesquisa tendem a investir em instituições e temas já sedimentados: a carência de bibliografia básica (...) que obriga o estudioso a realizar numerosas e desgastantes pesquisas paralelas; e a dificuldade em publicar os trabalhos, já que muitas editoras, alegando falta de mercado, recusam-se a publicar temas regionais.*⁵²

De fato os obstáculos que a pesquisa em História local ou regional enfrentam dificultam o trabalho de pesquisa e de divulgação do mesmo. Os entraves não se restringem às fontes, mas na própria historiografia há problemas que ainda não estão resolvidos, como por exemplo: o que fazer para que a História local seja reconhecida como parte integrante de uma história maior, já que essa se compõe de generalizações, homogeneizações, e os estudos sobre História local acabam por demonstrar a diversidade, a pluralidade e a multiplicidade que constituem o social?

A impressão que temos é que estamos caminhando em uma via de mão dupla, onde as linhas se cruzam, mas às vezes se chocam. Assim, afirmar uma concepção de história acaba sendo negar ou repensar parâmetros tradicionais construídos ao longo da escrita da história. Faz parte desses parâmetros a elaboração de sínteses históricas que sacramentaram fatos e acontecimentos como sendo ocorrências de maior importância para todo um povo e por isso digno de se fazer parte de uma História nacional.

Todavia, o confronto entre antigas teses e as novas definições de temas históricos não é negativo, muito pelo contrário, pois a partir de estudos locais tem-se percebido os equívocos cometidos pela história generalizante. Como afirma GOUBERT, “a História local (...) pode servir para destruir muitas das concepções gerais que em tempos passados pareceram tão vigorosas e foram incorporadas em tantos livros, comunicações e conferências”.⁵³

Essa é uma possibilidade que a História local tem devido à reflexão e análise sobre as questões do cotidiano que envolve um determinado espaço social. Nesse sentido, as diferenças (culturais, étnicas, sociais) emergem em meio a uma história uniforme deixando transparecer incertezas e colocando em xeque a História globalizante, especialmente a

⁵² AMADO, Janaina. História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaços. In: República em Migalhas - História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990. p.11/12.

⁵³ GOUBERT, Pierre. História Local. História & Perspectivas. Uberlândia, v.6, n.6, Jan./jun. 1992. p.51.

História oficial que pretende manter a hegemonia do sistema capitalista através da padronização de comportamentos dos sujeitos.

No entanto, percebe-se que a História nacional é muitas vezes considerada - não só no meio intelectual, mas também no meio social – mais importante que os estudos locais, o que contribui para que a História local ocupe uma posição secundária na historiografia, dificultando ainda mais as pesquisas nesse campo e, conseqüentemente, reduzindo as possibilidades de questionar e contestar antigas concepções arraigadas na História e nos historiadores.

Apesar das dificuldades, aqui assinaladas, que a pesquisa em História local enfrenta, há nos arquivos do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História) da Universidade Federal de Uberlândia, muitos trabalhos oriundos do curso de graduação de História que tratam temáticas relacionadas com a História de Uberlândia. Desde 1991, com a revisão do currículo do curso de História, esse exige como conclusão final do bacharelado um trabalho monográfico, o que contribuiu para ampliar a produção no campo da História local. Há ainda, na biblioteca da UFU, diversas dissertações e teses oriundas não somente da História, mas também de outras áreas do conhecimento como a Geografia, Economia que trazem discussões e novos olhares sobre a História de Uberlândia e do Triângulo Mineiro.

Estas produções acadêmicas poderiam ajudar a romper com o ensino de História local positivista já que as mesmas expõem outras concepções de sujeito, tempo, verdade, discutem diferentes interpretações de um acontecimento, confrontam diversos projetos e práticas sociais. Enfim, como foi exemplificado no tópico 1.2 do primeiro capítulo, poderíamos afirmar que as novas perspectivas teórico-metodológico apresentadas nas monografias, dissertações e teses, delineiam novos horizontes para o ensino de História local, já que abordam uma diversidade de temas, sujeitos e interpretações, os quais os professores poderiam trabalhar com as crianças, enriquecendo e inovando as aulas de História nas séries iniciais. Entretanto, isso não é o que ocorre. No tópico seguinte, discutiremos mais estes encontros e desencontros dessa produção acadêmica com o ensino de História local.

2.2 – Historiografia local e Ensino: encontros e desencontros

A partir dessa pesquisa, pude perceber o quanto as nossas produções acadêmicas estão distantes da escola e do público em geral. As professoras revelaram nas entrevistas que desconheciam que há, nos arquivos da UFU, uma produção historiográfica sobre a história da cidade:

*Não. Não sabia, a gente não vai lá. Mas se têm esse matéria, l poderiam trazer para as escolas. Ai você fala assim: Mas é a pessoa que tem que ir na universidade. Ai é aquela questão do tempo né? Como é que a gente faz para ir lá, estar buscando esse material? Eu, por exemplo, trabalho o dia todo. E se a gente pode ter acesso, como pegar emprestado?*⁵⁴

*Não. Sei só na biblioteca municipal, lá a gente encontra alguma coisa, na universidade eles devem ajudar, mas daí também eu já não sei onde eu vou, com quem falar entendeu? Se é na biblioteca da Universidade, se é com o coordenador do curso de vocês, nem sei também se prestam ajuda a gente.*⁵⁵

Como pergunta FENELON, “será que estamos cada vez mais falando para nós mesmos?”.⁵⁶ De fato, a pesquisa comprova que não há diálogo, nem troca de conhecimentos e experiências entre os acadêmicos e os professores do ensino fundamental nas escolas pesquisadas. Se isso não acontece nas escolas, muito menos está a acontecer nos lugares ocupados pela gente comum. Ora, isso contraria a essência da disciplina História que acreditamos trazer em si o germe para a mudança social a partir do despertar da consciência acerca da realidade do mundo no qual nos encontramos.

Essa é uma das preocupações de FENELON quando expõe a seguinte reflexão:

*Poderíamos nos indagar, em que contexto o estudo da História tem sido socializado e politizado e destacar a importância da escola, onde parece vital a possibilidade de discutir a idéia de transformação, a consciência da mudança e das perspectivas que se desdobram à frente de todos.(...) Por que é que entre nós, fazendo parte dos currículos escolares em todos os níveis, sendo sempre salientada como fundamental à formação do cidadão, apreciada por diletantes que tanto a cultivaram, a disciplina História não consegue ultrapassar o campo de domínio dos especialistas, tornando-se uma matéria relevante para o grande público, ou mesmo ser difundida no âmbito universitário, para além das áreas de ciências Humanas e Sociais?*⁵⁷

⁵⁴ Professora da 3ª série nas Escolas Municipais Mário A. A. Silva e Boa Vista. Entrevista 25/10/2003.

⁵⁵ Professora da 3ª série na Escola Municipal Guarda Antônio R. do Nascimento e Escola Estadual Professora Juvenília Ferreira. Entrevista 13/01/2004

⁵⁶ FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo? *História & Perspectivas*. Uberlândia, v.6, n.6, Jan./jun. 1992.p.10.

⁵⁷ Idem, p.9-10.

E ainda coloca:

*Dirijo minhas reflexões para o exame da comunidade dos historiadores com o objetivo de nos levar a indagar se o tipo de História que vimos praticando não tem contribuído para torná-la cada vez mais distanciada da população(...). Será que não estamos cada vez mais falando para nós mesmos?*⁵⁸

O que fazer para superar o problema do distanciamento entre Universidade e escolas do ensino fundamental, entre as produções acadêmicas e aqueles que indiretamente financiam as pesquisas (a população)? Essa é uma questão que foi constituída historicamente e envolve uma rede de poderes, numa cultura de dominação onde o conhecimento, sobretudo do passado, foi sempre utilizado e manipulado como arma por aqueles que detém o poder com objetivos ideológicos e de manutenção ou conquistas de hegemonias.⁵⁹

Se almejamos verdadeiramente uma sociedade mais justa e igualitária, devemos começar socializando um dos maiores bens da humanidade, que é o conhecimento, pois esse pode ser a chave para a mudança social que almejamos, já que o conhecimento nos leva a irromper uma estrutura fechada e enxergar novas possibilidades para a vida em sociedade.

Nesse sentido, esperamos que essa pesquisa possa contribuir para a aproximação entre as produções acadêmicas no campo da História local e as professoras que atuam nas séries iniciais. Para isso, é necessário que estas tenham acesso aos trabalhos desenvolvidos na Universidade, o que poderia ser proporcionado a partir de algumas medidas simples como as que sugiro a seguir.

O Instituto de História e os outros cursos que desenvolvem estudos com temáticas locais ou regionais, poderiam enviar para as escolas públicas uma cópia das monografias e dissertações que tratam sobre a História local e regional. Essa ação poderia ser feita em parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia, apesar de sabermos que essa é uma sugestão quimera, pois o descaso e a contenção de gastos do governo municipal e estadual com a educação dificultam que isso se concretize de fato.

⁵⁸ Idem, p.10.

⁵⁹ Ver mais sobre o poder de manipulação do Estado sobre a História e as práticas sociais em: CHESNEAUX, Jean. História e Prática Social: No Campo do Poder. In: Devemos Fazer Tábula Rasa do Passado? Sobre a História e os Historiadores. Trad.: SILVA, Marcos A. da. São Paulo: Editora Ática, 1995.

Contudo, creio que seja possível pedir ao aluno graduando ou mestrando, uma cópia a mais de seu trabalho para ser enviado ao CEMEPE (Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais) o qual poderia encaminhar para as escolas um relatório divulgando as produções monográficas e dissertações que têm a colaborar com o ensino de História local. Essa medida poderia soar como um convite às professoras a conhecer as novas discussões acerca da História local e estimulá-las à pesquisa. Sugiro, também, uma maior divulgação nas escolas de ensino fundamental, das publicações científicas editadas pelas Unidades Acadêmicas da UFU como aquelas do Instituto de História: *Cadernos de História, História e Perspectivas, Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, revistas do NEHAC, NEGUEM, entre outras. Alguns exemplares deveriam ser repassados para o CEMEP que poderia divulgá-los pelas escolas.

Outra sugestão que poderia beneficiar o ensino de História nas séries iniciais e sua aproximação com as pesquisas universitárias está relacionada com as disciplinas “Oficina de Prática Pedagógica e Prática de Ensino em História ” que são oferecidas no último ano do curso de História para quem faz opção pela licenciatura. Nessas disciplinas, nós alunos ficamos responsáveis por elaborarmos projetos de ensino de História. Nesse sentido, os professores que ministram as disciplinas poderiam incentivar a elaboração de projetos voltados para o ensino da História local, baseadas na produção acadêmica sobre esta. Com certeza, os projetos apontariam novas idéias e alternativas para o ensino de História nas 3ª e 4ª séries, além de ajudarem na divulgação das novas pesquisas feitas sobre o passado e o presente de Uberlândia e região. Esses trabalhos poderiam ser socializados nos cursos que o CEMEPE oferece para os professores das séries iniciais do município, ou ainda poderiam ser apresentados nas escolas pelos próprios alunos que o elaboraram.

Enfim, estas são algumas sugestões de estratégias que poderiam iniciar o encontro entre as produções acadêmicas sobre a História local e a educação histórica. Além delas, apresento, a seguir, um inventário de referências bibliográficas que podem contribuir para as pesquisas e planejamentos de aulas sobre a História Local.

2.3 - Inventário de produções acadêmicas sobre História local

Foi acreditando na importância do professor produzir seu próprio material didático e na intenção de colaborar para isto, no sentido de facilitar a busca por materiais, diferentes da História oficial, que podem ser utilizados como fonte de pesquisa nos planejamentos das aulas e execução da mesma, que escrevemos esse tópico.

Como foi mencionado anteriormente, acreditamos que as produções acadêmicas sobre História local podem ser um grande recurso didático para romper com abordagem oficial predominante hoje no ensino de 3ª série. Assim, concluímos que o acesso a essas fontes pelas professoras deve ser facilitado já que suas condições reais de trabalho, aqui já discutidas, dificultam que essas desenvolvam pesquisas mais aprofundadas.

Neste sentido, para colaborar na aproximação entre professoras das 3ª séries e produções acadêmicas, escrevemos um inventário de artigos e pesquisas, cujas temáticas estão relacionados com a História de Uberlândia e que as professoras do município podem utilizar para pesquisar acerca de algum tema e planejar suas aulas. Para construí-lo fizemos um levantamento de dados nas revistas *Cadernos de História*, *História e Perspectiva* e *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, nos *Boletins* do CDHIS e do Museu do Índio, além de teses, dissertações e monografias arquivados no CDHIS e na Biblioteca da UFU, os quais foram elaborados, na sua maioria por professores e alunos do Instituto de História da UFU. Queremos deixar claro que o inventário não contempla todos os artigos, teses, dissertações e monografias do Instituto de História, tendo em vista que alguns não estavam disponíveis no momento da pesquisa.

Limitamos nosso levantamento a essas fontes, mas esclarecemos que há outros espaços, outras fontes oficiais ou não, que podem ser usadas na elaboração de material didático para aulas de História local. Tanto assim que, antes de apresentar o inventário das produções acadêmicas, gostaria de socializar outros espaços e fontes que pude ter acesso durante a pesquisa.

No **Museu Municipal de Uberlândia**, que está aberto para visitas de professores e alunos, há exposições reconstituindo o processo de formação do Município de Uberlândia. Há ainda alguns livros que as professoras podem pegar emprestado para xerocar partes, entre estes, *Mostra Nossas Raízes* que trata desde a ocupação da região no

início do século XIX até 1908. Outro material pertencente ao museu é *Pesquisa referente à História de Uberlândia no período compreendido entre o século XVIII e o ano de 1908*. Nessa pesquisa, apresentada em 1997, há vários textos elaborados pelas historiadoras Maria Núbia A. Martins Sousa e Sandra Cristina Fagundes de Lima, onde elas descrevem a formação e transformação de Uberabinha. O museu Municipal de Uberlândia está situado na Praça Clarimundo Carneiro.

Outro espaço aberto para alunos e professores é o **Centro de Memória – CTBC**. Neste, há uma exposição dos primeiros telefones e PABX, mostrando as evoluções que esses aparelhos tiveram com o avanço da tecnologia até os dias de hoje, além de um painel com uma linha do tempo que conta a História de Uberlândia sob a perspectiva dos industriais.

O Instituto Algar e CTBC desenvolvem o projeto “Histórias da Nossa Terra”, que faz parte do Programa Memória Local concebido pelo Instituto Museu da Pessoa em parceria com o Instituto Avisa Lá. O projeto “História da Nossa Terra” é desenvolvido em várias cidades, sendo uma por vez. Já foi desenvolvido em Ituiutaba no ano de 2001, em Uberaba no ano de 2002 e no ano de 2003 aconteceu em Uberlândia.

Em Uberlândia, oito escolas participaram sendo que os alunos juntamente com as professoras pesquisaram a história da cidade abordando temas diversos como Festas Tradicionais de Uberlândia, Bairro Fundinho, “Praças” e “Telecomunicações”. O acervo de textos, desenhos e fotos produzidos pelas turmas foram reunidos e integrados ao site Portal Museu da Pessoa.Net. Caso a professora não tenha acesso à Internet é possível conhecer esse material indo até o Centro de Memória da CTBC, que está situado na Rua Machado de Assis, 312.

Outro espaço onde é possível a visita de professores e alunos é o **Museu do Índio**, onde se encontram um acervo de artes indígenas e também registros de pesquisas relativas às etnias indígenas brasileiras. É importante deixar claro que há alguns obstáculos ao acesso a estas fontes as quais o Museu poderia procurar sanar. Em primeiro lugar, o seu horário de funcionamento coincide com o horário de trabalho das professoras. O Museu abre para atendimento de manhã às 9 horas e fecha às 11:00, reabrindo à tarde às 14 horas e fechando às 17:00. Em segundo lugar, na minha visita ao Museu fui informada por Ana Maria Guirado Rodrigues, coordenadora do Acervo Etnográfico, que a biblioteca do Museu tem

uma organização complexa e por isso quando queremos pesquisar, devemos ir até lá com antecedência e requisitar por escrito o tema a ser pesquisado para que uma das estagiárias possa separar o material. Somente depois desse processo poderemos ter acesso à bibliografia. O Museu do Índio situa-se à rua Carajás, 296 no Bairro Lídice.

O **CDHIS** (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia) também é um espaço aberto para visitas de professores e alunos. No seu acervo estão coleções fotográficas que retratam alguns temas dentro da História de Uberlândia, e dois documentários gravados em fitas de vídeo. O primeiro, “Uberlândia, Uma Memória a ser Preservada”, com a coordenação de Heloisa Helena P. Cardoso, Jane de Fátima S. Rodrigues e Maria clara T. Machado mostra as transformações ocorridas na região, abordando a formação não só de Uberlândia, mas também de Santa Maria, hoje distrito de Miraporanga, numa linguagem acessível para crianças. O outro foi produzido pela Secretaria Municipal de Indústria e Comércio e Turismo, “Uberlândia: O Centro do Progresso Brasileiro”. Como o próprio nome do documentário indica, o vídeo mostra a interpretação que a História oficial tem sobre Uberlândia. A professora poderia trabalhar com esse material, contrapondo com outras diferentes interpretações sobre a cidade.

O CDHIS é um centro de documentação em História que guarda, preserva e disponibiliza documentos, como, revistas, jornais, livros de memorialistas, panfletos de movimentos sociais, sobre a cidade de Uberlândia e região. Este se situa na Av. João Naves de Ávila, 2160 – Bloco Q (Antigo Mineirão) – Campus Santa Mônica. A visita deve ser agendada antecipadamente e pode ocorrer nas segundas, quartas e sextas feiras das 8:00 às 17:00 horas e nas terças e quintas feiras, das 8:00 às 21:30.

Na biblioteca da UFU no Campus Santa Mônica há um livro *Álbum Musical para o Ensino de História e geografia no 1º grau* coordenado por Aléxia Pádua Franco, que traz uma contribuição para o ensino de História de Uberlândia por meio do relato de experiência das professoras Romilda de Novais Degani, que apresenta uma sugestão para trabalhar criticamente o hino de Uberlândia “Isto é Uberlândia” e Maria Lúcia Silva Fructuoso que propõe um o estudo de Minas Gerais através de samba-enredos.

Provavelmente, no segundo semestre de 2004, surgirá um novo material didático elaborado por alunos e professores da UFU. O livro se propõe a reconstruir a

história da cidade a partir dos sujeitos “excluídos” – negros, índios, trabalhadores e outros. Com certeza será mais um recurso que contribuirá para a transformação da prática nas aulas de História local. Aqui gostaria de agradecer a equipe que participou da elaboração desse livro especialmente Maúcia e Geovanna que colaboraram com a elaboração do inventário, cedendo alguns resumos e bibliografias.

Além do Instituto de História, outras unidades da Universidade Federal de Uberlândia como o Instituto de Geografia e Economia, a Faculdade de Educação, Ciências Sociais, Arquitetura e Urbanismo nos seus cursos de graduação e, em alguns casos, mestrado, produzem pesquisas, artigos, teses sobre nossa cidade ontem e hoje, que podem contribuir para o ensino de História local.

Queremos deixar claro que as fontes não se esgotam. Há outros espaços como, por exemplo, o Arquivo Público Municipal que não foi possível pesquisar e provavelmente outros lugares que não foram citados nessa pesquisa que contém fontes primárias e secundárias sobre Uberlândia. Porém, esperamos que as reflexões e informações contidas aqui sejam úteis e colaborem para iniciar uma nova abordagem nas aulas de História local que dê voz aos vários sujeitos históricos além da elite, confrontando seus diferentes projetos e práticas sociais e incentivando os alunos a se posicionarem criticamente em relação a eles. A seguir o inventário que pretende contribuir para esta iniciativa.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Ana Mirian Maciel REIS e Christiane dos Reis RIBEIRO	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n.4, jan/1993, pp.5-8)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Prólogo.	As autoras mostram as diversas pessoas que participaram da formação da cidade fazendo uma reflexão do capitalismo nesse momento, século XIX . Mostram também o ordenamento de Uberlândia , como a elite se apropriou dos espaços da cidade , além de comentar o ideário de progresso da cidade.
Jane de Fátima Silva RODRIGUES	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n.4, jan/1993, pp.9-16)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Nas Sendas do Progresso: Trabalho e Disciplina Uberlândia, um percurso Histórico.	Formação da cidade, a partir do século XVII , desenvolvimento de Uberlândia nas primeiras décadas do século XX , sob a análise da Estrada de Ferro Mogiana (1895), a construção da Ponte Afonso Pena (1910) e em 1912 a implantação da Rede Mineira de Viação . Dentro desse processo o papel da política, da polícia e da imprensa na disciplinarização e controle sobre a cidade e seus habitantes, sendo que o controle não foi conseguido de forma homogênea e por isso a cidade convivia também com “ as mazelas ” que imprensa e elite procuravam ocultar.
Fátima Ramos de ALMEIDA	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n. 4, jan/1993, pp.17-23)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	A Organização dos Trabalhadores nos Anos 50 e 60.	Este artigo busca refletir sobre: “Como viviam os trabalhadores uberlandenses nos anos 50 , se Tinham organizações próprias para participarem da vida política e social da cidade e como se relacionavam com os patrões ”.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Leila Regina Scalia GOMIDE	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n.4, jan/1993, pp.25-48)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	O Triângulo Mineiro: História e Emancipação – Um Estudo sob a perspectiva da História Regional.	A autora recupera aspectos da História do Triângulo Mineiro nos anos 1700 aos 1900. “ Do Sertão da Farinha Podre ao Estado do Triângulo ”, pensando essa região como “historicamente construída pelos homens que nela se estabeleceram e que criaram riquezas”. A autora discorre também sobre as tentativas de emancipação do Triângulo Mineiro.
Beatriz Ribeiro SOARES	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n.4, jan/1993, pp.49-62)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Uberlândia: Anotações sobre seu Crescimento Urbano.	Esse trabalho pretende “revelar o processo de expansão de Uberlândia ” e suas contradições . Assim a autora recupera os “ fatores importantes que contribuíram para a expansão do sítio urbano de Uberabinha ”, ampliando sua análise até os meados dos anos 1980.
Helvécio Domingos MOREIRA	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n.4, jan/1993, pp.63-67)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Os Bairros Periféricos em Uberlândia.	O autor analisa a ocupação das periferias em Uberlândia, a partir dos anos 60 , relacionando este processo com a industrialização, imigração e com os interesses imobiliários e com as precárias condições de vida da população carente.
Suely Regina Del GROSSI	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n.4, jan/1993, pp.69-79)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Histórico da Urbanização em Uberlândia e suas Relações com a Natureza.	A autora aborda a apropriação dos recursos naturais em Uberlândia nas diferentes formas sociais: indígena, arraial de Uberabinha, industrialização e processo de crescimento urbano.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA -ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Selmane Felipe de OLIVEIRA	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n.4, jan/1993, pp.89-97)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	A Rivalidade entre Uberlândia e Uberaba.	O autor aborda as questões que geraram conflitos entre as duas cidades (Uberlândia e Uberaba) na década de 50.
Paulo de Barros MACHADO	Artigo (Revista Cadernos de História, v.4, n.4, jan/1993, pp.99-102)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Uberlândia: Um Sucesso de Bilheteria.	Esse artigo fala sobre o Quebra-quebra de 1959 , mostrando a contradição entre o discurso de cidade progressista e as condições a que estavam submetidas à maioria da população. Também coloca a importância dos cinemas como espaços culturais da população uberlandense nos anos 50.
Jane de Fátima Silva RODRIGUES	Artigo (Cadernos de História, v.6, n.6, jan.95/dez.96, pp.115-134)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Uberabinha: Trabalho, ordem e progresso.	A autora busca reconstituir a história da classe trabalhadora em Uberabinha nas primeiras décadas do século XX , as resistências e também o discurso elitista sobre trabalho e progresso.
Ivonilda LEMES	Artigo (Cadernos de História, v. 7, n.7, jan.97/dez.98, pp.109-123)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Partilhando uma Experiência.	Este artigo relata uma experiência de ensino sobre o tema bairro. A partir de fotografias foi reconstituída a história do Bairro Luizote de Freitas e suas principais transformações.
Maria Clara Tomaz MACHADO	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.4, jan/jun.1991, pp.37-77)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Muito Aquém do Paraíso: Ordem, Progresso e Disciplina em Uberlândia.	A autora busca compreender o processo Histórico de Uberlândia desde 1888 analisando o discurso burguês que visa a disciplinarização e o controle social e também as resistências a esse projeto demonstradas nas manifestações e reivindicações sociais.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
João Marcos ALÉM	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.4, jan/jun.1991, pp.79-102)	Biblioteca UFU Setor de Periódicos Santa Mônica	Representações Coletivas e História política em Uberlândia	O autor discute as imagens construídas pelas elites locais que atribuiu e atribui Uberlândia como uma cidade que já contém em si o germe do progresso desde a sua origem, apesar dos grandes contrastes sociais .
Vera Lúcia Puga de SOUSA	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.8, jan/jun.1993, pp.97-142)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Encontros e Desencontros: Vivências nos Anos 60.	Os sujeitos os quais se referem à autora são os jovens de classes médias e alta das cidades de Araguari e Uberlândia na década de 60 . O artigo aborda o cotidiano desses jovens analisando a “ rebeldia ” e os meios coercitivos para inibir práticas transgressivas .
Gizelda Costa da Silva SIMONINI	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.12/13, jan/dez.1995, pp.93-105)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Em Busca da Tecnologia: Reflexões sobre o processo de modernização na CTBC.	“O objetivo do artigo é recuperar a trajetória da empresa de telefonia e sua constante busca de aperfeiçoamento técnico e conseqüentemente, sua ampliação e o crescente controle sobre o processo de trabalho ”.
Beatriz Ribeiro SOARES E Júlio César de LIMA	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.12/13, jan/dez 1995, pp.29-57)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	O Arranha-céu e a Modernização da Paisagem Urbana de Uberlândia.	O artigo discute os anos 60 em Uberlândia enfocando a modernização das moradias (os edifícios) e o significado da nova estética da cidade.
Luziano Macedo PINTO	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.14/15, jan/dez 1996, pp.113-132)	Biblioteca UFU Setor de periódicos	Sociabilidade de “Matinée”: o cotidiano em Uberlândia nos anos 40.	O artigo faz uma análise sobre o cinema em Uberlândia na década de 40 , discutindo como esses espaços tornaram-se locais de encontro da população uberlandense, alterando comportamentos e valores morais dessa sociedade.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Antônio de Pádua BOSI	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.18/19, jan/dez.1998, pp.53-72)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Conflitos Sociais na Constituição do Espaço Urbano: São Pedro de Uberabinha na década de 1890.	Este artigo discute a versão da História oficial acerca dos trabalhadores em São Pedro de Uberabinha em 1890 , apresentando e confrontando uma nova interpretação sobre a história desses trabalhadores.Sua análise considera as relações conflituosas entre as classes naquele momento.
Kelly Cristine F.O. Bessa e Beatriz Ribeiro SOARES	Artigo (Revista História e Perspectivas, n. 18/19, jan/dez. 1998, pp.93-129)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Assentamentos Urbanos em Uberlândia: O significado de um novo espaço.	O artigo discute o processo de urbanização de Uberlândia a partir dos locais excluídos – favelas e assentamentos . Discorre também sobre as políticas implementadas pelo poder público para a superação desses espaços. O enfoque é para a década de 1980 .
Luciano Carneiro ALVES	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.24, jan/jun.2001, pp.219-241)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Palanque de Papel: O Correio de Uberlândia e a construção do “Estádio Municipal Parque do Sabiá”.	O artigo “trata da participação de um jornal, o “ Correio de Uberlândia ”, na realização de um projeto político, a construção de um estádio de futebol em Uberlândia entre 1978 e 1982 .
Luiz Carlos do CARMO	Artigo (Revista História e Perspectivas, n.24, jan/jun 2001, pp.159-190)	Biblioteca UFU Setor de periódicos Santa Mônica	Sinuosas Vivências: Famílias negras em Uberlândia.	Este artigo discute sobre a população negra em Uberlândia nos anos 1945 a 1960 . Aborda o cotidiano dessas pessoas, a segregação espacial e sua inserção no social .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Carlos Henrique de CARVALHO	Artigo (Boletim CDHIS, n.10, 2º semestre /93)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Uberlândia sob o signo da modernidade	O artigo refere-se ao discurso da elite uberlandense que omite os problemas sociais e econômicos e, ao mesmo tempo reforça a imagem de uma cidade que se sobressai independente de crises.
Maria Clara Tomaz MACHADO e Jane de Fátima Silva RODRIGUES	Artigo (Boletim CDHIS, n.11, 1º semestre/94	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Habitação: um dos maiores problemas sociais de Uberlândia.	As autoras mostram que as precárias moradias ou a falta das mesmas em Uberlândia é um problema presente desde os primórdios da cidade. Assim abordam os anos 1879 a 1990 reconstituindo o processo de loteamentos e ocupação do solo urbano .
MARIA HELENA MANZAN MARTINS	Artigo (Boletim CDHIS, n.15, 1º semestre/96	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	A Importância da Pintura nas Sociedades Primitivas.	A autora coloca os significados da pintura no corpo para algumas etnias indígenas do Brasil.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Luiz Carlos do CARMO	Artigo (Boletim CDHIS, n.16, 2º semestre/96)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Representação da Cultura Negra nos Jornais de Uberlândia: Congos & Moçambiques.	O autor discute a cultura negra em Uberlândia enfocando a Festa do Rosário (congado) e seu significado desde sua origem (1874) e também faz uma análise de como a imprensa jornalística interpreta-a.
Luciene Alves de ARAÚJO	Artigo (Boletim CDHIS, n. 18, 1º semestre/97)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Ambulantes: desempregados ou trabalhadores em busca de autonomia? Uberlândia/MG 1980/1995.	Esse artigo aborda como os trabalhadores em serviços informais são vistos pelo mercado formal e imprensa local e como eles resistem frente às objeções impostas pelas autoridades, nos anos 1980 a 1995 .
Jorgetânia da Silva FERREIRA	Artigo (Boletim CDHIS, n.18, 1º semestre/97)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Trabalhadoras Domésticas: múltiplas faces do cotidiano.	Esse artigo propõe discutir a trajetória de vida das trabalhadoras domésticas , e a organização desse trabalho.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Luziano Macedo PINTO	Artigo (Boletim CDHIS, N. 23, 2º semestre/98)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Os primeiros cinemas de Uberlândia (1908-1952)	O autor recompõe a história do cinema em Uberlândia a partir de 1908 , apresentando como surgiram os cinemas da cidade até o ano de 1952 .
Ana Magna Silva COUTO	Artigo (Boletim CDHIS, n.24, 1º semestre/99)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Os Coletores de Papel na Cidade: trabalho, valores e práticas sociais.	A autora propõe reconstituir o cotidiano dos trabalhadores coletores de papel em Uberlândia, sua relação com a sociedade.
Luzia Márcia Resende SILVA	Artigo (Boletim CDHIS, n.24, 1º semestre/99)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Formal X Informal: Uma releitura a partir da experiência dos carregadores.	Esse artigo busca compreender a trajetória de vida dos trabalhadores que atuam carregando e descarregando mercadorias nos diversos espaços de Uberlândia, a partir da década de 70 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Edimilson Lino GUILHERME	Artigo (Boletim CDHIS, n. 24, 1º semestre/99)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Trabalhadores “construindo” a Cidade: algumas problemáticas.	O autor reflete acerca dos trabalhadores da construção civil em Uberlândia, partindo das experiências desses sujeitos, seus valores e costumes.
Jorgetânia da Silva FERREIRA	Artigo (Boletim CDHIS, n. 24, 1º semestre/99)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Tornar-se Doméstica: questões sobre o ingresso no trabalho de empregadas domésticas.	A autora aborda algumas questões que levam as trabalhadoras domésticas a se inserem nesse campo de trabalho.
Sérgio Paulo MORAIS	Artigo (Boletim CDHIS, n. 24, 1º semestre/99)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	Modo de Vida e Trabalho com Carroças: pequeno ensaio sobre o termo “informalidade”.	O autor busca compreender as experiências cotidianas dos trabalhadores carroceiros de Uberlândia.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Luiz Antônio Rocha e SILVA	Artigo (cadernos de Pesquisa CDHIS, n.25 2º semestre/99)	CDHIS – Centro de documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia Bloco 1Q Santa Mônica	História da Construção do Prédio do Colégio Estadual de Uberlândia (MUSEU) feita pela “sociedade para o progresso de Uberabinha”.	O artigo apresenta o processo histórico que levou à construção do prédio do Colégio Estadual de Uberlândia na década de 1920.
Maria Clara Tomaz MACHADO	Artigo. (Boletim CDHIS, n.21, 2º semestre/97)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	Uberlândia, mais de um século de História	“O objetivo deste texto é sugerir aos professores da 3ª série do 1º grau um outro viés de análise da história de Uberlândia que não privilegie apenas nomes de personagens públicos, de instituições, datas e realizações políticas veiculadas pelas elites locais”. Reconstitui a História de Uberlândia desde 1857 numa linguagem traduzida para crianças.
Valéria Maria Queiroz Cavalcante LOPES e Maria Clara Tomaz MACHADO	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n.26, 1º semestre 2000, pp.6-9)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	A Violência na Disciplinarização do Espaço Urbano em Uberlândia: Representações e imagens (1950-1980)	O artigo é uma análise sobre a violência praticada no espaço urbano de Uberlândia pelo poder público local que busca por meio da repressão solucionar o problema da pobreza nessa sociedade, sendo que esses atos são justificados pelo discurso da ordem e do progresso . O período de análise é de 1950 a 1980.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Sandra Mara DANTAS	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n.26, 1º semestre 2000, pp.15-18)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	O Mundo como Representação/Imagens/Sentimentos: A (re)construção da realidade histórica	O artigo “objetiva analisar a constituição, difusão, e introjeção de um discurso que projetou a cidade de Uberlândia como modelo de cidade moderna e progressista ”.
Rodrigo Fernandes Moraes DIAS e Maria Clara Tomaz MACHADO	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS,n.26, 1º semestre 2000,pp.26-29)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	O Alfa e o Ômega – A saúde pública em Uberlândia.	O artigo discorre sobre a organização da saúde pública em Uberlândia desde 1920 , abordando o preconceito da sociedade em relação aos doentes .
Ana Magna Silva COUTO	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS,n.28, 2001, pp.2-6)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	Religiosidade, Precariedade e Resignação: experiências e lutas de trabalhadores na cidade.	A autora discute a religiosidade dos coletores de papel em Uberlândia.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Ivani ROSA	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n.28 ,2001, pp.19-23)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	O Preço do Progresso: uma reflexão em torno do modo de vida do uberlandense frente a política desenvolvimentista.	A autora discute a política desenvolvimentista de Juscelino no contexto de Uberlândia durante as décadas de 50 a 70 ressaltando a reação da sociedade local a esse projeto.
Sandra Mara DANTAS	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n.28, 2001, pp.53-57)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	O Poder Arrebatador das Palavras: o discurso incitando práticas políticas e afetivas.	O artigo é uma reflexão acerca do discurso elitista engendrado na cidade de Uberlândia e suas influências nas práticas sociais .
Raphael Alberto RIBEIRO e Maria Clara Tomaz MACHADO	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n.30, 2002, pp.19-23)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	Institucionalização da Loucura em Uberlândia: práticas de intervenção e representações culturais.	O artigo aborda “ a loucura , sua institucionalização na cidade de Uberlândia” e a transformação da imagem do louco que de “ irreverente ” torna-se um “ indivíduo perigoso ”.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Eliene Dias de OLIVEIRA	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n.30, 2002, pp.24-27)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	Uberlândia: entre o ouro e a miséria – A política desenvolvimentista à luz da Imprensa.	Este artigo aborda a política desenvolvimentista no período entre 1950 e 1970 , fazendo uma análise de como a imprensa de Uberlândia veiculava as informações.
Fábio Piva PACHECO	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n.30,2002, pp.27-37)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	Mídia e Poder: Representações e símbolos do autoritarismo na política em Uberlândia (1960-1990)	O artigo é uma reflexão sobre a “disputa pelo Controle das emissoras de TV ” e as influências desse veículo na “formação do imaginário social em Uberlândia”, no período entre 1960 e 1990 .
Rodrigo de Paula MORAIS	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n.31, 1º semestre/2003, pp.6-9)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	História do Rádio em Uberlândia (1935-1965) – PRC 6 – quem tem voz?	O autor discute “a história da radiodifusão em Uberlândia” e o “papel da emissora de rádio na constituição do cenário urbano local ”,no período entre 1935 -1965 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Tadeu Pereira dos SANTOS	Artigo (Cadernos de Pesquisa do CDHIS,n.31, 1ºsemestre/2003, pp.12-15)	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia – Bloco 1Q (Mineirão) Santa Mônica.	Do Maxixe á Chanchada: Grande Otelo, cultura popular e o meio artístico de seu tempo (1915-1970).	O artigo analisa “a trajetória de vida do ator e compositor Grande Otelo , buscando compreender a sua relação com a história de Uberlândia ” nos tempos 1915 a 1970
Ricardo Ferreira RIBEIRO	Artigo (JAHUI Boletim, Museu do Índio, v. 6, 2002)	Museu do Índio Bairro Lídice	KAYAPOÉIA	O artigo discute a visão homogênea dos indígenas , ressaltando a heterogeneidade cultural, mesmo entre os caiapós .
Roberto Cury Sampaio	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 1985	Biblioteca da UFU Santa Mônica	Migrações Internas no Triângulo Mineiro: Análise demográfica e econômica – 1960-1970.	O autor analisa as migrações que ocorreram na região do Triângulo Mineiro no período entre 1960 e 1970 , buscando “compreender a concentração populacional e econômica em alguns centros urbanos”.
Jane de Fátima Silva RODRIGUES	Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1989	Biblioteca UFU Santa Mônica	Trabalho,Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense - o setor de serviço – 1924-1964	A autora reconstrói a história de vida, as manifestações, associações e sindicatos dos trabalhadores de Uberlândia , nos anos de 1924 a 1964 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Eduardo Nunes GUIMARÃES	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 1990	Biblioteca da UFU Santa Mônica	Infra-estrutura Pública e Movimento de Capitais: A inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho.	O autor recupera a formação econômica dos primeiros núcleos urbanos da região do Triângulo Mineiro , enfocando a evolução de Uberlândia, desde o final do século XVIII até os anos de 1964 .
Maria Clara Tomaz MACHADO	Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1990	Biblioteca UFU Santa Mônica	A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965 a 1980)	A autora propõe discutir “a relação existente entre os projetos políticos da classe dominante de Uberlândia e as estratégias de poder que propiciaram a disciplinarização do espaço urbano,” evidenciando as resistências a esse projeto. O período enfocado é de 1965 a 1980 .
Maria de Fátima Ramos ALMEIDA	Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1992	Biblioteca da UFU Santa Mônica	Uberlândia Operária? Um a abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia 1950/1964	Esse trabalho analisa os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores em Uberlândia, no período entre 1950 e 1964 .
Selmane Felipe de OLIVEIRA	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1992	Biblioteca da UFU Santa Mônica	Crescimento Urbano e Ideologia Burguesa.	O trabalho é uma análise sobre a articulação do projeto burguês para conseguir as “ benfeitorias ” para a cidade de Uberlândia, na década de 1960 .
Maria Helena Falcão Vasconcellos	Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1993	Biblioteca UFU Santa Mônica	Dias de Violência – O Quebra de janeiro de 59 em Uberlândia.	A autora analisa um movimento popular ocorrido em janeiro de 1959 , na cidade de Uberlândia.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Leandro José NUNES	Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, 1993	Biblioteca da UFU Santa Mônica	Cidades e Imagens: Progresso, Trabalho e Quebra-Quebras – Uberlândia – 1950/1960.	O autor analisa a imagem e o discurso ufanista da cidade de Uberlândia, apresentando a contra face desse discurso que se expressou no movimento popular de 1959 .
Gizelda da Costa Silva SIMONINI	Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994	Biblioteca UFU Santa Mônica	Telefonia: relação empresa e cidade (1945-1980)	Esse trabalho discute a trajetória da empresa de telefonía (CTBC) e sua relação com a cidade de Uberlândia, durante o período de 1945 a 1980 .
Darc Aparecida de SOUZA.	Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998	Biblioteca UFU Santa Mônica	Capitães do Asfalto: infância e adolescência pobres na cidade de Uberlândia-1985/1995.	Esse trabalho discute o cotidiano das crianças que vivem ou trabalham nas ruas de Uberlândia no período 1985 a 1998 .
Luis Augusto Bustamante LOURENÇO	Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. 1998	Biblioteca UFU Santa Mônica	A Oeste das Minas. Escravos, Índios e Homens Livres Numa Fronteira Oitocentista: Triângulo Mineiro.	O autor trata da formação dos primeiros núcleos de povoamento (arraiais e aldeamentos) que se constituíram na região atual do Triângulo Mineiro . Analisa o processo de colonização da região, abordando o conflito entre a Coroa Portuguesa e os índios caiapós na disputa pelo espaço. Também discorre sobre o movimento migratório nessa região de forma aprofundada.
Claudia Costa GUERRA	Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1998	Biblioteca UFU Santa Mônica	Descortinando o Poder e a Violência nas Relações de Gênero: Uberlândia – MG 1980/1995.	“A autora procura descrever, quantificar e analisar as relações violentas de gênero , em especial a conjugal ”, no espaço de Uberlândia entre 1980 e 1995 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Júlio César de OLIVEIRA	Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000	Biblioteca UFU Santa Mônica	O Último Trago, a Última Estrofe – vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50, e 60.	O autor procura trazer as “experiências da boêmia local ”, fazendo uma análise das transformações sociais e culturais ocorridas nas décadas de 40, 50 e 60 em Uberlândia.
Luiz Carlos do CARMO	Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000	Biblioteca UFU Santa Mônica	“Função de Preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960.	O autor discorre sobre a população negra – inserção no mercado de trabalho, valores e comportamentos - em Uberlândia, entre o período 1945 e 1960 .
Rosângela Maria Silva PETUBA	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2001	Biblioteca UFU Santa Mônica	Pelo Direito à Cidade. Experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro Dom Almir. Uberlândia (1990-200)	A autora discute o processo de ocupação de terras por trabalhadores sem teto , nos anos 1990/1991 , refletindo sobre a constituição do bairro Dom Almir .
Ana Magda Silva COUTO	Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, 2001	Biblioteca UFU Santa Mônica	Trabalho, cotidiano e sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia 1970-1999.	A autora discute a trajetória de vida dos trabalhadores coletores de papel em Uberlândia, entre as décadas de 1970 e 1999 .
Marlene de Fátima Freitas BORGES	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2001	Biblioteca da UFU Santa Mônica	Restos de Manhã: análise do brincar nas décadas de 50 a 70, na região do Pontal do Triângulo Mineiro.	Esse trabalho reconstitui o brincar e os brinquedos nas décadas 50 a 70 , as mudanças que neles se operaram para adequação aos novos viveres sociais.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Valéria Maria Queiroz Cavalcante LOPES	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2002	Biblioteca UFU Santa Mônica	Caminhos e Trilhas: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950-1980)	A autora enfatiza o crescimento e as transformações da cidade , no período entre 1950 e 1980 , relacionando as mudanças ao capitalismo industrial que reorganiza o espaço social, político e econômico para atender as suas necessidades.
Sérgio Paulo MORAIS	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2002	Biblioteca UFU Santa Mônica	Trabalho e Cidade: trajetórias e vivências de trabalhadores carroceiros na cidade. Uberlândia 1970-2000.	O autor discute a trajetória de vida dos trabalhadores carroceiros em Uberlândia, nos anos 1970 a 2000 .
Ana Paula Cantelli CASTRO	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	Biblioteca UFU Santa Mônica	Organização e Disputas pelo Espaço Urbano. Uberabinha/MG (1890-1930)	A autora busca compreender a constituição e transformações dos espaços em Uberabinha no final do século XIX e início do século XX , considerando as experiências dos sujeitos que participaram deste processo.
Sheille S. de Freitas BATISTA	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2003.	Biblioteca UFU Santa Mônica	Buscando a Cidade e Construindo viveres: relações entre campo e cidade.	O trabalho trata das vivências, lutas, valores e experiências dos trabalhadores rurais que foram expulsos do campo e inseridos numa nova realidade: a cidade de Uberlândia.
Maúcia Vieira dos REIS	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	Biblioteca UFU Santa Mônica	Entre Viver e Morar: experiências dos moradores de conjuntos habitacionais (Uberlândia –anos 1980/1990).	A autora propõe “refletir os modos de viver dos moradores dos conjuntos habitacionais Segismundo Pereira e Santa Luzia , suas trajetórias em busca da casa própria nos anos 1980 a 1990 ”.

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Josefa Aparecida ALVES	Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2004	Biblioteca UFU Santa Mônica	Sociabilidades Urbanas: o olhar, a voz e a memória da Praça Tubal Vilela (1930-1962).	“Esse trabalho pretende compreender as várias transformações ocorridas no espaço da Praça Tubal Vilela durante o período de 1930 a 1962 ”.
Beatriz Ribeiro SOARES	Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1995	Biblioteca UFU Santa Mônica	Uberlândia: da cidade jardim ao portal do cerrado – imagem e representações no Triângulo Mineiro.	A autora discute os projetos políticos modernizantes elaborados pela elite local no século XX e implementados em Uberlândia.
Vera Lúcia Puga de SOUSA	Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1998	Biblioteca UFU Santa Mônica	Paixão, Sedução e Violência (1960-1980)	A autora faz uma análise sobre a violência de gênero , em Uberlândia, nas décadas de 60 a 80 , privilegiando os casos em que a vítima é mulher .
Célia Rocha CALVO	Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001	Biblioteca UFU Santa Mônica	Muitas Memórias e Histórias de uma Cidade: Experiências e Lembranças de Viveres Urbanos Uberlândia 1938-1990	Esse trabalho discorre sobre Uberlândia, considerando as “ memórias e histórias dos seus moradores, no período de 1938 a 1990 ”.
Newton DÂNGELO	Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001	Biblioteca UFU Santa Mônica	Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio – Uberlândia – 1930/1970.	Esse trabalho discute a história do rádio em Uberlândia, entre 1939 e 1970 .
Luzia Márcia Resende SILVA	Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003	Biblioteca UFU Santa Mônica	Carregadores de Mercadorias: memórias e lutas – Uberlândia-MG, 1970-2000	Este trabalho é uma análise sobre o viver (lutas, sindicatos, amizades, lazer) dos carregadores de mercadorias em Uberlândia ente 1970 a 2000 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Sandra Mara DANTAS	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 1996	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Terra fértil para novas sementeiras: a experiência da Democracia Participativa (1983-1988)	Esse trabalho é uma reflexão sobre a administração pública do PMDB na década de 80 do século XX e a participação das associações de moradores de bairros nesse governo local.
Rosana Silvana da SILVA	Monografia, Universidade federal de Uberlândia, 1997	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Bairro e Fábrica: espaço político e participação popular. Uberlândia – 1980-1986.	A autora discute os movimentos sociais em Uberlândia na década de 80 especialmente a associações de moradores do Bairro Dona Zulmira e o sindicato dos trabalhadores nas indústrias alimentícias.
Klebston Ferreira BASTOS	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2001	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Associação dos nordestinos em Uberlândia: uma análise das manifestações populares nordestinas inseridas no contexto progressista uberlandense 1989-2001	O autor analisa a inserção do nordestino em Uberlândia entre os anos 1989 e 2001 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Luciene Aves de ARAÚJO	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2001	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Ambulantes: desempregados ou trabalhadores em busca de autonomia? Uberlândia 1980-1995	A autora discute sobre o trabalho e experiências dos camelos ambulantes , em Uberlândia, no período entre 1980 e 1995 .
Eliane Dias de Oliveira	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2002	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	O quebra-quebra de 1959: Uberlândia – Olhares e perspectivas.	A autora discorre sobre o movimento popular que aconteceu em Uberlândia em 1959 .
Elisângela Oliveira LUZ	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Uberlândia, Capital Federal: um sonho que não se realizou.	A autora discute sobre um sonho da sociedade uberlandense que era tornar Uberlândia a capital do país . O período estudados é de 1891 a 1946 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA - ANO	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Romilda Aparecida CARDOSO	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	A Construção do Bairro Mansour na Memória dos Moradores – Uberlândia 1992/2003	A autora discute a trajetória dos moradores do bairro Mansour para adquirir a casa própria.
Jane Machado da SILVA	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Imagens do Progresso: em cena a TV em Uberlândia – 1950 a 1970.	A autora discute o processo de instalação da primeira emissora de TV em Uberlândia e como as imagens criadas interferiram no cotidiano da população nas décadas de 50 a 70 .
Lester José dos SANTOS	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica em.	Trabalho de Rua: cotidiano e experiência dos trabalhadores ambulantes na cidade de Uberlândia 1992-2003.	O autor discute sobre o cotidiano, as resistências e as experiências dos trabalhadores ambulantes em Uberlândia, a de 1992 a 2003 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Raquel Neves MATOS	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Pela Paz que Eu não Quero Seguir Admitindo: Histórias de vida dos adolescentes internos no CISAU.	O trabalho discute a história de vida dos adolescentes internos no CISAU (Centro integral social Adolescentes de Uberlândia) em Uberlândia, a partir dos relatos desses sujeitos.
Nilson Humberto GUEDES	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica em.	Uberlândia – As facetas políticas entre governos militares e poder público local nos dois primeiros anos de pós-64.	O autor propõe refletir sobre o posicionamento do governo local e elite uberlandense frente ao golpe militar de 64 e às políticas ditatoriais nos anos 1965 e 1966 .
Ricardo Pereira de OLIVEIRA	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	A “Intentona Comunista” em Uberlândia: reflexos da tradição revolucionária: O comunismo nos anos 1933-1935.	O autor pretende resgatar como o movimento da Intentona Comunista foi visto pela população local nos anos de 1933 a 1935 .

AUTOR	CARACTERIZAÇÃO DA OBRA	LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	SINOPSE
Sergio Queiroz dos REIS	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Um olhar sobre a (des)organização do espaço urbano em Uberlândia: Bairro Morumbi – 1991-2002.	O autor busca compreender a influência das políticas habitacionais , na vida das populações pobres de Uberlândia, especialmente no Bairro Morumbi , nos anos 1991 a 2002 .
Ivani ROSA	Monografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003	CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia –bloco 1Q(Mineirão) Santa Mônica	Movimentos sociais no setor de transportes: retratos de uma sociedade antagônica – Uberlândia (1948-1964).	A autora faz uma “análise das greves do setor de transportes rodoviários , ocorridas na cidade de Uberlândia e região, no período de 1948 a 1964 ”.

Por este levantamento de fontes, produções acadêmicas sobre a história de Uberlândia, percebemos que as professoras podem discutir com seus alunos uma série de temáticas além das questões macro-políticas, sócio-econômicas previstas na Proposta Curricular – questões das vivências cotidianas, culturais, dos diferentes sujeitos que fazem a nossa história. A seleção destas temáticas pode ser feita conforme o perfil e interesse dos alunos, confrontando diferentes interpretações históricas, indo além da visão oficial e incentivando o aluno a posicionar-se e ser sujeito do seu conhecimento.

Enfim, esperamos que as sugestões aqui apontadas possam ser úteis para repensarmos como iremos reelaborar os nossos materiais didáticos, as metodologias e a prática de ensino da História local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho monográfico abordou a situação em que se encontra o ensino de História local no município de Uberlândia. Por meio da documentação investigada – cadernos de alunos, materiais didáticos e, entrevistas com professoras e pedagogas constatei que a História ensinada nas 3ª séries do ensino fundamental apresenta na maioria das vezes um quadro agravante.

Através de análise da Proposta Curricular do município percebi que, no nível teórico-metodológico o ensino de História assumiu um caráter crítico, propondo o abandono da tendência tradicional e positivista. Entretanto, o que observei na prática, através da análise dos materiais didáticos, foi a continuidade de um ensino de História acrítico, com funções reprodutivas e não reflexivas acerca das questões históricas.

Vários fatores colaboram para que a prática de ensino da História local continue inalterada, ou quase. Entre estes privilegiamos nessa monografia, as dificuldades que estão colocadas para as professoras desenvolverem pesquisas. Em primeiro lugar, a maioria dessas dobram turno em função dos baixos salários, sendo que não dispõem de tempo para pesquisar. Em segundo lugar, as produções acadêmicas que, ao meu ver, poderiam ser usadas pelas professoras para construir um ensino mais crítico sobre a História da cidade, encontram-se distantes das escolas de ensino fundamental. A pesquisa comprova que a leitura destas produções se restringe à comunidade universitária. Por último, as professoras não têm uma formação aprofundada no campo da História. Essas são formadas, em sua maioria, pelo curso de pedagogia e muitas possuem apenas o curso secundário do magistério. Sendo assim, existem algumas limitações teóricas que dificultam o trabalho com as diversas concepções historiográficas, as quais a incipiente formação continuada em História desenvolvida pelo município não conseguiu ainda superar.

Diante de todos esses problemas detectados, pensei que as produções acadêmicas sobre a História local poderiam colaborar para a efetivação de um ensino crítico e reflexivo que rompa com o positivismo, no sentido em que apresentam interpretações não-oficiais sobre a cidade, dando voz a diferentes sujeitos históricos, mostrando seus conflitos.

Nesta perspectiva, escrevi algumas sugestões para aproximar as professoras das séries iniciais e as produções acadêmicas, pois compreendo que para que a prática do ensino de História seja transformado é necessário que as professoras tenham acesso a outras interpretações, além da História oficial que já é conhecida e trabalhada por elas nas salas de aula.

Foi acreditando na possibilidade de mudança da prática nas aulas de História das 3ª séries que elaboramos um inventário relacionando alguns trabalhos acadêmicos – artigos, dissertações, teses, monografias – que podem ajudar as professoras na elaboração de textos didáticos com uma nova concepção de História.

Este inventário é apenas um ensaio que poderia ser ampliado por outras pesquisas, inserindo produções do Instituto de História pós 2003, de outras unidades acadêmicas da UFU e até de outras Universidades.

Esta pesquisa também revelou a importância de investigar-se mais profundamente, os cursos que formam professores para séries iniciais, examinando a formação histórica aí desenvolvida e observando o que poderia ser feito para diminuir as dificuldades que as professoras têm para lidar com as questões do ensino de História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Livros, artigos e trabalhos acadêmicos

AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e construindo espaços. In: **República em Migalhas História Regional e Local**. São Paulo: Marco Zero, 1990. pp.7-15.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. A Propósito de um Estatuto para a História Local e Regional: algumas reflexões. **História e Perspectivas**, Uberlândia: n.20/21, jan./dez. 1999. pp.117-127.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?**. Trad. Marcos A. da Silva. São Paulo: Ática, 1995.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo?. **História e Perspectiva**, Uberlândia: n.6, jan./jun. 1992.

FONSECA, Selva. **Caminhos da História Ensinada**. Campinas-SP: Papirus, 1995.

_____. O Ensino de História e Geografia nas Séries Iniciais: a temática regional. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia: n.1/1, jan./dez. 1992. pp.43-48.

FRANCO, Aléxia Pádua. O Ensino de História e a Formação do Cidadão: experiências múltiplas e contraditórias. **História e Perspectivas**, Uberlândia: n.18/19, jan./dez. 1998. pp.161-179.

GIROUX, Henry A. e MCLAREN, Peter. Formação do Professor como uma Contra – Esfera Pública: a Pedagogia Radical como uma forma de Política Cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1995. pp.125-154.

GOUBERT, Pierre. História Local. **História e Perspectivas**, Uberlândia: n.6, jan./jun. 1992. pp. 45-57.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre: o Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. **História e Perspectivas**, Uberlândia: n.4, jan./jun. 1991. pp.7-35.

LAHAYE, Louise; LESSARD, Claude; TARDIF Maurice. Os professores face ao Saber: Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, Porto Alegre: Pannonica Ed., n.4, 1991.

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **A Oeste das Minas Escravos, Índios e Homens Livres Numa Fronteira Oitocentista: Triângulo Mineiro**. Uberlândia, 1998. Dissertação Instituto Geografia – UFU.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Pesquisa e Ensino**. In: História. Pensar & Fazer. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998, p.91-124.

MOREIRA, Antonio Flávio. O Currículo como Política Cultural e a Formação Docente. In: SILVA, Tomaz Tadeu da e MOREIRA, Antonio Flávio (Org.). **Territórios Contestados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. pp.7-20.

NASCIMENTO, Dorivaldo Alves do. **História de Uberlândia**. Uberlândia: Grafy, 2000.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. KAYAPOÉIA. JAHUI Boletim, Uberlândia: v.6, pp.9-23, 2002.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História. História Regional e Local: problemas teóricos e práticos. **História e Perspectivas**, Uberlândia: n.16/17, pp.149-164, jan/dez 1997.

SAMPAIO, Roberto Cury. **Migrações Internas no Triângulo Mineiro: Análise Demográfica e Econômica 1960-1970**. Uberlândia, 1985. Dissertação de Mestrado Economia. UFMG.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula**. Petrópolis: Vozes, 1995. pp.159-177.

2. Documentos

BRASÍLIA. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**, 2001.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Cultura. Museu Municipal de Uberlândia. **Mostra Nossas Raízes**, 2000.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular**, 1998.

CORREIO. **Felisberto é tido como fundador**, Uberlândia, 31/08/2000. p.D-13.

CORREIO. Uberlândia, 31/06/2003. **Caderno Revistinha**, p.3 e 7.

FONTES ORAIS:

Eliana Leão e Wilma Canêdo Portilho. Coordenadoras da Proposta Curricular do município. Entrevista realizada na Prefeitura Municipal de Uberlândia. 09/10/2003.

Cleuza Maria de Souza Silva. Professora da 3ª série nas escolas municipal Boa Vista e Mário Alves Araújo Silva. Entrevista realizada na última escola. Uberlândia, 22/10/2003.

Maria Helena Gondim Almeida. Professora de História na Escola Municipal Domingos Pimentel Ulhôa e coordenadora da área de História do CEMEPE. Entrevista realizada em sua residência. Uberlândia, 12/02/2003.

Nara Inês Bernardes da Silva. Professora da 3ª série na Escola Estadual Professora Juvenília Ferreira e Escola Municipal Guarda Antônio R. do Nascimento. Entrevista realizada em sua residência. Uberlândia, 13/01/2004.